Voz de S. Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. Leão XIII. Pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

SETEMBRO DE 1905

6.ª Serie — 11.º Anno

N.º 9

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

Nova approvação da «Voz de S. Antonio» — Estudo da Religião.
I Parte — **Secção doutrinal:** O repouso dominical,— sua importancia social. — Resoluções das Congregações Romanas. — As Indulgencias.
II Parte — **Secção Historica** : O Verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis. — Excavações. — As Ordens religiosas e as Missões Ultramarinas. — Pensamentos e Anedoctas.
III Parte — **Leituras amenas** : O Perdão. — Vida e costumes de alguns insectos — As Abelhas.
VI Parte — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Braga. — Guimarães. — Barcellos, etc. — O dia 20 de junho na India. — Os nossos defunctos.
V Parte — **Secção Scientifico-litteraria:** Os systemas sociaes e a sua base scientifica. — O Liberalismo. — As nossas illustrações. — Bibliographia.
VI Parte — **Chronica Universal:** Italia. — Portugal. — Cartas d'Africa.
Gravuras: D. Francisco Ferreira da Silva, Bispo de Siene, e novo Prelado de Moçambique. — S. Miguel Archanjo. — Fronteira Portugueza de Manica. — O Primeiro livro.

Aos nossos assignantes

Fazemos saber que não respondemos de futuro, por qualquer pagamento que não seja feito ao nosso thesoureiro o Ex.mo Snr. Domingos J. de Souza Gomes, ou aos nossos habituais correspondentes, ou a esta Administração **pessoalmente, por carta registada ou vale do correio.** *Ninguem mais está auctorizado, nem deve ser-lhe entregue qualquer quantia, a fim de evitar desvios e esquecimentos que entravam o progresso da nossa Revista e difficultam os enormes pagamentos que temos a fazer.*

BIBLIOGRAPHIA — *Veja-se no corpo da Revista.*

Cavaco Pombalino

Não ha muitos dias, ia eu a atravessar o largo que vai da arcada ao jardim publico de Braga, passagem que, por diversos motivos, prefiro a qualquer outra, não sendo o menor d'esses motivos o gosto que tenho, tive e terei sempre, de ensinar os ignorantes e castigar os que erram... Mas, vamos ao caso. Ia eu em direcção ao jardim, quando, um homem que eu nunca tinha visto, de cartola, bengala tostada de sobreiro, luvas de pellica muito usadas, fraque velho e a meia perna que fazia supôr que ainda seria o do casamento, botas de salto de prateleira e duas esporas tlintando como quaisquer outras, se dirige a mim com uma das mãos no quico, e, ensaiando com o corpo um çalamaleque postiço e formalizado, diz-me á queima-roupa:

— Como está vosselencia? Desejava duas palavras se fosse possivel.

— Eu, é claro, como nunca vira o homem mais novo, e como por ahi anda muito mastim encoberto, com as mãos levantadas do chão e á solta, corri-lhe, num relampago, a vista de alto a baixo, a vêr se me recordava dos sinais do atrevido que me tirava bruscamente da minha habitual pacatez, e não o encontrando no rol dos meus esquecidos voluntarios e involuntarios, receiando estar junto de mim algum pedaço d'asno com outro pedaço de malcreado, os quais pedaços costumam ser a alma e o corpo de muito patife, afastando os olhos do bengalazio de sobreiro e fixando-os, entre ironico e ameaçador, no quico do desconhecido, respondo em contrabaixo e pausado:

— Não tenho a honra .. Se, porém, deseja alguma coisa tem me aqui prompto...

— Sim, de certo. Para vosselencia não ha duvida que serei um obscuro desconhecido Não assim vosselencia para comigo, pois, ainda que não tenho a honra da sua amizade, sei ainda assim que, não desfazendo, é muita a illustração de...

— Obrigado. Permitta-me, porém, que lhe diga que em minha casa não se gasta dessa missanga. Isso é lá para... os paços, para os gabinetes dos ministros e para a visitas aos politicos.

— Compreendo; sim senhor. Desculpe o deixar-me descambar para o vocabulario que ha pouco me vi obrigado a usar, como qualquer, junto de homens de cathegoria...

— Como qualquer, é um modo de falar. Aqui estou eu que nunca... andei a cobrir viv'alma com essa farraparia indigna do meu sexo. Mas vamos... o senhor...

— Eu... eu peço desculpa da ousadia...

— Não ha que desculpar por'ora, mas, com franqueza eu não...

— Sim não gosta e tem pressa. Pois então vou dizer sem mais aquellas, tudo o que tinha vontade de consultar.

— ?!...

— Sim, não se admire. E' que eu tenho sido e sou regedor de...

— Mas que tenho eu que ver...

— Muito... tudo. Se eu não fosse regedor nem vinha a proposito...

— Queira perdoar, mas o senhor está sendo...

— Um maçador não é verdade? Eu bem sei, mas olhe: tudo isto é preciso. Ora oiça: um re-

11.º anno — N.º 9 *6.ª SERIE* *Setèmbro — 1905*

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Editor — D. J. de Souza Gomes. *Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos.

D. Francisco Ferreira da Silva, Bispo de Siene e novo Prelado de Moçambique

D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA, Bispo de Siene e Prelado de Moçambique, etc.

Tendo na maior consideração os relevantes serviços que a «Voz de Santo Antonio», illustrada Revista que se publica em Braga, tem prestado á causa da Egreja, de boa vontade a abençoamos, e com vivo empenho a recommendamos a todos os christãos da nossa Prelazia; e muito especialmente a encarecemos ao clero da nossa jurisdicção para que a leiam e façam ler pelo muito proveito que todos hão de tirar da sua variedade de artigos, todos encaminhados ao bem estar moral, civil e religioso de quem fizer a leitura de tão util publicação.

Dada e passada em Aguiar da Beira, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas aos 15 d'agosto, festividade d'Assumpção de Nossa Senhora, do anno de 1905.

† Francisco, Bispo de Siene e Prelado de Moçambique.

O ESTUDO DA RELIGIÃO

A INTELLIGENCIA humana iluminada por uma faisca da propria Divindade tende incessantemente para a verdade.

O homem porem não nasce ensinado, e ainda que o seu entendimento tenda naturalmente para a summa Verdade, como a bussola para o norte, causas ha que o fazem declinar.

Inquieto sempre, sem jámais encontrar descanso, paira momentaneamente sobre este, ou aquelle systema, sobre esta ou aquella verdade de ordem natural, para logo esvoaçar sobre outra, sem se poder saciar jámais.

E' que o intellecto humano aspira ao Infinito, e só no Infinito pode descansar.

A Verdade Infinita, eis o objecto da intelligencia humana.

Mas a Verdade infinita, onde está, onde encontra-la?

Folheam-se as obras de todos os

Philosophos da antiguidade, e se numa ou outra parte parece entreabrirem-nos o veu que a esconde, logo a encobrem, com densas e brumosas trevas.

Registamos e estudamos os systemas modernos, e exclamamos: isto não pode ser verdade, o espirito humano não se pode satisfazer com tão pouco!

Onde está pois a verdade o objecto porque a nossa intelligencia suspira continuamente? Onde encontrar o norte das nossas aspirações?

Em Deus e só em Deus, — responde a religião catholica. E em Deus cifra toda a nossa felicidade presente e futura.

E' o conhecimento de Deus o centro para onde, mesmo sem nós o pensarmos, somos incessantemente attrahidos. Mas sendo Deus invisivel, não o podemos conhecer senão pelas suas manifestações, que precisamos estudar para o conhecer.

D'ahi a necessidade do estudo das verdades reveladas, da religião numa palavra.

O homem, quer milite sob esta, ou sob aquella bandeira, por isso que é homem e dotado de intelligencia, cujas necessidades tem obrigação de satisfazer, e encontrando-se a verdade objecto d'ella, só na religião catholica, não póde jámais prescindir do seu estudo.

E' pois um crime de lesa intelligencia, a ignorancia das verdades da religião.

Ainda mais. Impossivel é, ousamos affirma-lo, que haja homem honesto, no sentido estricto da palavra, que ignore as verdades da religião catholica.

A belleza intrinseca da honestidade das acções por si só, não é sufficiente para cohibir todas as paixões, nem mesmo o homem a pode aprehender de tal modo que lhe dê coragem para rebater fortemente os mil impecilhos que se lhe opõem. E' o que diz Pio x, na celebre Encyclica de 15 d'abril do corrente anno «o que asseveramos é que o espirito envolto nas trevas da ignorancia crassa nunca poderá ser de consciencia recta e bons costumes». E continua dizendo «quem andar de olhos abertos poderá apezar d'isso desviar-se do caminho direito e seguro, mas quem fôr cego estará sempre em perigo eminente de cahir.»

Corrompido o individuo pela falta dos conhecimentos das verdades reveladas, corromper-se-á a familia de que faz parte e a mesma sociedade a que pertence.

Isto é logico e consequente.

Os maus exemplos d'uma pessoa no seio da familia, arrastam as outras após si, porque a natureza tende sempre para o mal. E uma familia perversa, é uma chaga que corróe a sociedade porque «os maus costumes, diz o Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve, são consequencia das más doutrinas. O erro produz o mal, como da verdade se origina o bem.

Que doutrinas vogam e se diffundem hoje?

As do materialismo mais grosseiro, e com ellas se vão harmonisando insensivelmente os costumes.

Se não ha destino alem tumulo, se não existe uma vida futura, resta sómente a terra em que vivemos; todos a querem, todos a disputam: não haverá engano, ou violencia, que não seja meio para a conseguir.

A ambição traz a inveja, a inveja acarreta o odio, e quando este não puder ser reprimido, inevitavel será a guerra até ao exterminio.

Eis a sociedade que nos preparam ou intentam preparar os reformadores da mais moderna escola.»

E' esta a realidade dos factos. A ignorancia da religião catholica conduz a sociedade a um abysmo, que só o estudo das verdades da religião poderá evitar.

E' ainda o Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve que no-lo diz. Eis as suas bellas palavras: «E' inegavel que mais agora do que em nenhuma outra épocha, se mostra urgente a necessidade da instrucção religiosa com zelo e vigilante cuidado; nunca a sua importancia social foi tão geralmente reconhecida; vós o sabeis, nem pode conceber-se que haja quem, com espirito desapaixonado e livre de prejuizos, o ponha em duvida».

Tal é a força da religião catholica que por si só é sufficiente para suster o edificio quasi em ruinas das sociedades modernas.

Impõe-se pois o estudo da religião a todo o homem como individuo, como membro da familia e como parte da sociedade.

Secção doutrinal

O REPOUSO DOMINICAL E O BEM DA SOCIEDADE

Do que deixamos d'to sobre as vantagens corporaes e espirituaes que o repouso dominical proporciona ao individuo, deduz se *á priori* que a instituição do domingo é para a communidade tambem um beneficio, que não tem igual desde a remota epoca em que foi promulgada a lei moisaica sobre o Sinai. Ha, porém, ainda outras considerações que nos levam a aclamar o domingo, como instituição social, o primeiro e mais necessario dos direitos populares.

E' de saber, que n'uma refrega, a victoria é da nação que apresenta soldados mais valentes e aguerridos. Tambem no campo da concorrencia universal, a questão da victoria reduz-se em ultima analyse á questão da superioridade intellectual e phisica dos operarios, verdadeiros agentes da producção das riquezas.

Cessa de ser rico e poderôso um povo, quando os operarios, mal pagos, e sobrecarregados de trabalho desesperam sob o jugo da miseria.

Sendo pois, como vimos, o repouso dominical a condição primaria do bem estar physico e moral do operario, segue-se que da observancia d'este repouso depende a felicidade dos povos.

Depois da deliberação na camara Francêsa dos Communs, do projecto relativo ao trabalho de dez horas dizia o historiador Macanlay n'um celebre discurso:

«Os domingos de três seculos reunidos formariam cincoenta annos de dias de trabalho.

Ora, nós sabemos quanto vale o trabalho de cincoenta annos, conhecemos as maravilhas suscitadas pelo trabalho dos ultimos cincoenta annos».

Os motivos alegados pelo meu respeitavel historiador levam a inevitavel conclusão de que, se durante estes ultimos seculos não tivesse sido observado o domingo, seriamos um povo mais rico, mais civilisado, e a classe operaria gozaria d'uma sorte preferivel á de hoje.

Algum membro da Camara crê seriamente que assim aconteceria?

Eu não tenho a menor duvida de que, se nós e nossos antepassados, tivessemos trabalhado ao domingo como á semana, seriamos um povo menos civilisado e mais pobre do que somos, a produção seria menor e o salario mais diminuto.

O homem, sim o homem é o grande instrumento que produz as riquezas.

D'ahi procede que não estejamos mais pobres, antes mais ricos porque durante muitos seculos, repouzámos no setimo dia.

Não é perdido este dia.

Emquanto o trabalho é interrompido, a chamma descansa no rôgo, e a chaminé da

fabrica não golfa fumo, produz se para a riqueza nacional uma operação tão importante como a dos dias de trabalho; o homem, a maquina das maquinas, perante a qual todas as invenções de Watts e de Arkwrigths são sem valor, restabelece se e repara se de fórma que na segunda-feira torne para o trabalho com o espirito mais lucido, e as forças recobradas.

Não acredito que o que torna uma nação mais forte, mais sabia, e mais san, possa concorrer para o seu empobrecimento.

Se fossemos obrigados a ceder o primeiro lugar entre os povos comerciaes, não o cederiamos a uma raça de degenerados, mas a um povo superior pela sua energia do corpo e do espirito.

As memoraveis palavras de Macanlay obterão vosso consentimento d'um modo mais completo se derdes um lance de olhos aos effeitos maravilhosos que resultam do repouso dominical, nos tres grandes dominios da economia moderna para a totalidade d'uma nação.

Pelo que toca á industria e ás artes Lujo Brentano n'uma obra importante intitulada «*Relações do salario e da duração do trabalho com a producção*» forneceu por uma serie de exemplos e dados scientificos, a prova irrefutavel de que o país onde os salarios são mais inferiores e a duração do trabalho maior, produz muito pouco, ao passo que nas nações em que o salario é mais elevado e a duração do trabalho mais curta, os gastos da produção são menos avultados. A America com seus salarios elevados produz muito mais que a Inglaterra; esta por seu turno, mais que os países do continente europeu.

E' ponto assente, que os operarios das nações em que as horas de trabalho são menos numerosas, e o repouso dominical mais bem observado, produzem mais que os operarios das nações em que as horas de trabalho são mais numerosas e o domingo menos observado.

O repouso dominical conserva não só os individuos mas tambem os povos vigorosos, habeis e dispostos para o trabalho e permitte a seus productos disputar por muito tempo a concorrencia no mercado.

Fica mais evidente o facto, se se considera que na Europa 80 p. c. da população ganha a vida em trabalhos industriaes e agricolas.

O trabalho dominical pelo contrario, empobrece as massas populares, abrevia-lhes a existencia, arruina-lhes a energia e o bem-estar a troco d'um miseravel producto industrial.

Quanto aos comerciantes, é para lamentar que até hoje poucas nações tenham procurado por meio de leis beneficiaes com o repouso dominical.

Alguns provam a necessidade do trabalho do domingo no comercio allegando a necessidade de fazer frente á concorrencia.

A melhor refutação d'este argumento é fornecida pelo exemplo de Londres, capital do comercio.

Recebem-se ahi diariamente três milhões de letras, em alguns estabelecimentos três mil por dia e não obstante os comerciantes de Londres observam perfeitamente o repouso dominical; regularmente os operarios estão livres desde o meio-dia do sabbado.

Ora se isto é possivel n'uma cidade tão consideravel, sê-lo-ia tambem noutras partes onde os negocios são menos importantes se houvesse bôa vontade.

O repouso dominical trazia não só ao pessoal as vantagens geraes que temos apontado, mas facilitaria a liquidação das mercadorias, evitaria a estagnação dos negocios, tão frequentes hoje e faria sentir em tudo a sua influencia benefica.

Na industria dos transportes, caminhos de ferro e telegrafos para apreciar devidamente a importancia do repouso dominical consideremos que só a Europa conta mais d'um milhão de empregados de caminhos de ferro, que formam com suas familias um total de perto de três milhões e meio de pessôas.

Uma necessidade imperiosa de introduzir o repouso dominical resalta do facto de que o serviço de certas linhas é feito em condições deploraveis; ha países, onde não existe a lei sobre o repouso dominical, cujos operarios não obtem um dia de repouso durante o anno.

«Com a alimentação d'um tentilhão impõe-se ao agulheiro a atenção d'uma aguia, que deve exercer debaixo d'um sol ardente, longe de todo o conforto. A pratica de dez annos, como medico d'uma companhia de caminhos de ferro, demonstrou-me que, infelizmente, os directores não comprehendem que a incapacidade do trabalho possa

ser produzida por estado de cansaço não manifestado por simptomas exteriores». Assim fala um homem competente.

Ainda menos o comprehende o publico; que em todos os países do continente europeu está habituado a vêr circular no domingo tantos comboios para os viajantes como durante a semana; exige, ainda mais, a circulação de comboios de recreio em todas as linhas ao passo que em Inglaterra, grande Estado industrial, somente 30 p. c. dos comboios ordinarios circulam no domingo.

O publico e as direcções de caminhos de ferro deviam reagir com tanto maior decisão contra esta corrente, quanto a segurança da circulação e da vida dos viajantes, é como se sabe gravemente compromettida pelo cansaço do pessoal, resultante do serviço do domingo.

Não é por ventura um facto significativo que sobretudo nos ultimos tempos — os acidentes do caminho de ferro se tenham produzido em grande escala no domingo?

Nas grandes catastrofes de Buchan e Hugstetten, a opinião geral, e as pesquizas judiciarias atribuem a causa principal do desastre á duração do trabalho e ao cansaço do pessoal.

Se pois, como vimos a intervenção legal contra a escravidão do domingo é um dever rigorôso do Estado exigido pelo interesse geral, concordareis comigo em que convem ao Estado dar primeiro o exemplo, e a nós pedir, na medida de nossa influencia, o repouso dominical nas officinas do Estado, até que elle no-lo conceda.

Devemos alem d'isso pedir o repouso dominical livre e completo para o soldado.

E' necessario acabar por uma vez com o escandalo publico que se produz em toda a parte e consiste em fixar os cursos preparatorios dos futuros recrutas ao domingo de sorte que esta juventude alegre e folgazan, depois de ter passado seis dias e seis noites nos bancos da escola ou da officina, com o chegar do domingo vê a *virga ferrea* do mando substituir a pedante ferula, qual d'ellas a mais ridicula.

Lembremos, pois, o mais frequentemente possivel ás auctoridades militares as notaveis palavras que pronunciou o general Ochsenheim n'uma conferencia sobre o domingo considerado em suas relações com o serviço militar». Ha uma intima relação entre o valor d'um exercito e o modo como elle sanctifica o domingo.

Este valor depende da disciplina e do estado fisico do soldado.

A disciplina é a alma, o vigor fisico é o braço d'um exercito.

Sem soldados disciplinados e robustos não é possivel organisar um exercito.

A importancia capital da sanctificação do domingo para a disciplina e higiene isto é para a fortaleza d'um exercito, bastava por si só para impôr a cada commandante o rigoroso dever de velar na observancia do domingo».

Se relanciaes os olhos sobre o que dissemos da relação que existe entre o repouso dominical e o bem-estar fisico e moral do individuo e da sociedade, tomaveis a opinião que emitti ao principio, isto é que o repouso dominical é a condição primaria da prosperidade nacional, ou, como dizia Gladstone, que a questão do domingo é sem duvida a principal questão para o povo, e devemos forcejar todos por que o repouso dominical seja observado.

Resoluções das Sagradas Congregações

Da Sagrada Congregação dos Ritos

O Calendarista da Congregação dos Eremitas Camaldulenses pediu á Sagrada Congregação dos Ritos a solução das seguintes difficuldades:

.....

5.° — Devem-se transpôr os hymnos no officio da Commemoração da Paixão de N. Senhor Jesus Christo e no votivo da Paixão do Senhor, caso não haja primeiras vésperas? que fazer, quando os ditos officios não tiverem primeiras nem segundas vésperas?

Resposta affirmativa quanto á transposição dos hymnos, tanto num como noutro officio; no caso de não terem primeiras nem segundas vésperas, a matinas diga-se o hymno *Mœrentes*, omittindo o hymno *Aspice*, como de menor importancia, conforme o decreto da *Congregação dos Eremitas*

Camaldulenses de 11 de dezembro de 1903 a respeito dos hymnos de Santa Maria Magdalena.

Ácêrca das palavras «Flectamus genua» nas ordenações

O R. D. Onesimo Machez, mestre de Ceremonias da Cathedral Atrebat, e calendarista da mesma diocese, pediu á S. Congregação dos Ritos a solução da seguinte duvida:

Nas ordenações do Sabbado das Temporas do Pentecostes, ou dos domingos, com beneplácito apostólico, devem dizer-se, antes de todas as orações sôbre os ordenados, as palavras do Pontifical — *Flectamus genua?*

Resposta affirmativa, conforme o Pontifical Romano.

Da transferencia d'algumas festividades, etc.

O actual calendarista Agenense propôs á mesma Sagrada Congregação as seguintes duvidas:

.....

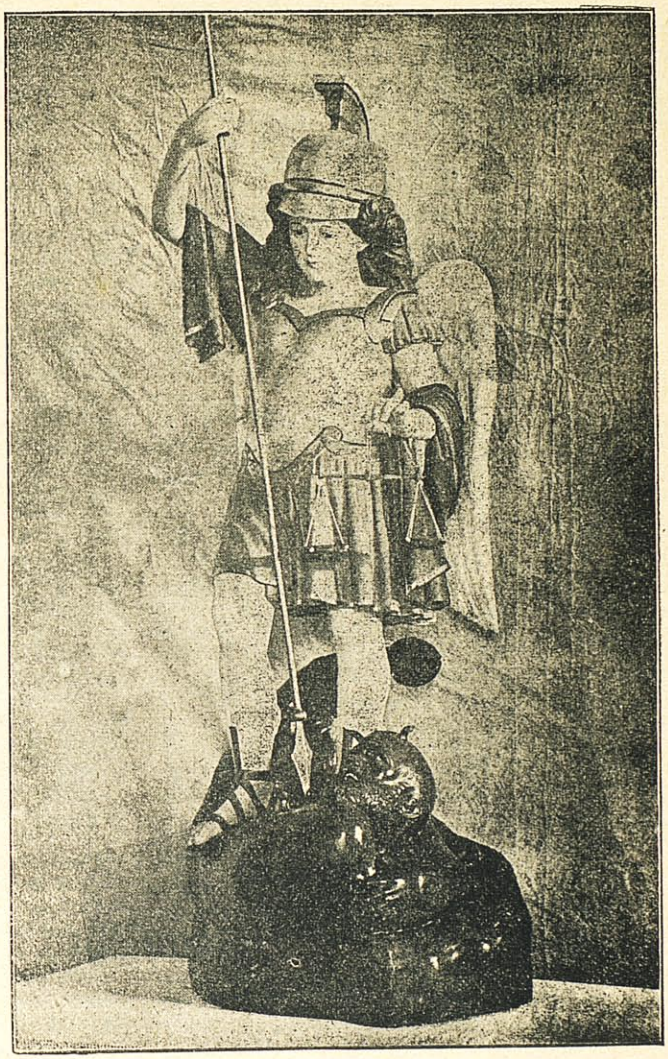
3.° — A festa da Purificação de N. Senhora, quando cai na dominga da Septuagesima, deve transferir-se para o dia 4 de fevereiro, caso o dia 3 seja impedido pela festa do patrono ou outra de primeira classe, ou para o primeiro dia não impedido segundo as rubricas?

Resposta: Deve transferir-se para o dia 4.

4.° — Quando a festa do S. Coração de Jesus occorre no dia 29 de junho, transfere-se para o dia 30, como para o seu proprio logar. Como, porém na Egreja propria de S. Paulo, seja n'esse dia festa de primeira classe e primária, deve a do S. Coração de Jesus transferir-se para o primeiro dia não impedido segundo as rubricas, ou antes para o domingo, passando o officio do Preciosissimo Sangue para a terça-feira seguinte?

Resposta: Transfira-se para o domingo e o Preciosissimo Sangue para a terça-feira.

5.° — Naquellas egrejas, em que há obrigação de côro, se não houver missa cantada correspondente ao officio, devem fazer-se commemorações na missa da solemnidade transferida para o domingo? quaes devem ser essas commemorações?



S. Miguel Archanjo

Resposta: Observe-se o decreto n.° 3:754 de 2 de dezembro de 1891: — *Declaração do Indulto para transferir a solemnidade das festas,* á 2.ª pergunta.

6.° — Occorrendo a festa do Patrono

ou Titular da Egreja com as domingas *in Albis*, ou da SS. Trindadade, póde-se cantar a missa do Patrono ou Titular, sobretudo onde não ha obrigação de côro, pois que estas duas domingas não são contempladas na rubrica do Missal — *De translatione festorum?*

Resposta negativa; observem-se as rubricas reformadas do Missal Romano, titulo 6.° *De translatione festorum* e os decretos n.° 3:754 já citado, á 3.ª pergunta, e n.° 3:924 *Strigoniens.*, de 3 de julho de 1896, á 5.ª pergunta.

Da Sagrada Congregação das Indulgencias

Devoção á SS. Virgem

O Rev.mo P. Domingos Reuter, Ministro Geral dos Frades Menores Conventuaes, por sua devoção para com a SS. Virgem, introduziu de novo, no cincoentenário da proclamação dogmática da Immaculada Conceição, um antigo costume, quasi esquecido por completo, de prestar um culto especial á Virgem Maria, nos primeiros sábbados de cada mês, em honra do seu privilegio de «Immaculada»; o qual pio exercício Clemente XIV em 10 de junho de 1794 enriqueceu com duzentos dias d'indulgencia para os fieis, que visitassem as egrejas da dita ordem, nos primeiros sábbados de cada mês.

Como os fieis recebessem agora com grandes demonstrações d'alegria e começassem a frequentar o piedoso exercício proposto pelo Rev.mo P. Geral, este para que não se extinga, mas crêsça, dia a dia, esta devoção, rogou ao Santo Padre se dignasse conceder indulgencia plenária, tambem applicavel pelas almas do Purgatorio, a todos os fieis christãos, que, durante os primeiros sabbados ou domingos de doze mêses consecutivos, confessando-se e commungando, vocal ou mentalmente orarem, por algum espaço de tempo, em honra da Immaculada Conceição da SS. Virgem e segundo as intenções de Sua Santidade; e isto em cada um dos ditos sábbados ou domingos.

Sua Santidade annuiu benignamente ao pedido do Rev.mo P. Geral, concedendo a indulgência desejada.

Dado em Roma a 1 de julho de 1905.

L. ✠ S.

A. Card. Tripepi, *Pref.*

† D. Panici, Arcer. Laod., *Secret.*

As indulgencias

I

Deus creando o homem não quiz que elle fosse um mero expectador do universo, um simples admirador das maravilhas e bellezas da creação.

Fe-lo á sua imagem e semilhança, dotou-o do conhecimento de sua Divindade, impoz-lhe o mais sublime e honorifico preceito — o preceito de seu amor! Elevou-o em fim á ordem sobrenatural infundindo-lhe sua graça, e prometteu lhe a participação de sua gloria, se porventura se quizesse conformar com os principios da razão, e obedecer aos preceitos de seu amor.

Não podia haver certamente destino mais sublime para o homem, nem elle com todas as luzes de sua razão, nem com todas as forças de sua vontade, nem com as mais ardentes aspirações de seu coração poderia jámais aspirar a tanta felicidade qual era a participação da mesma Divindade: — Com o conhecimento sobrenatural, pela fé; com a vontade, pelo amor!

Mas o homem não se soube conservar no estado de primitiva innocencia, não pôde guardar o deposito que lhe foi confiado pelo mesmo Deus, porque o homem é fragil e defectivel.

Tocou no fructo prohibido, fez-se reu de leza magestade divina, perdeu a graça sobrenatural pecando, porque este era o pacto que Deus havia feito com o homem: — No mesmo instante em que comeres do fructo prohibido morrerás de morte! E o homem despresou o mandato divino, e morreu da morte mais terrivel e desastrada perdendo para sempre a graça sobrenatural.

Chama então Deus o homem a juizo, deita-lhe em rosto sua negra ingratidão, declara-o reu de morte, e só lhe perdôa em attenção ao sacrificio de seu Unigenito Filho, em attenção aos meritos de Jesus Christo que no meio dos seculos havia de descer á terra a resgatar a humanidade e a restituir-lhe a graça sobrenatural que tinha perdido, e revestil-o da estola da primeira innocencia de que fora despojado pela culpa de Adão.

Espulsa a humanidads do Paraizo, chora por espaço de longos seculos esse infausto dia em que no mundo se cometeu a primeira culpa, e, envolta em densas trevas, segue errante os caminhos da perdição em busca dum bem que sempre lhe foge, porque os palidos raios estão tão afastados desse bem que procura, e sua vista é

tão curta e fraca, que não é possivel attingir o verdadeiro ponto, approximando-se, portanto, cada dia, mais e mais do abismo.

Transtornada pelas trevas do erro, perdida a verdadeira noção da Divindade, ainda lhe ficava não obstante uma derradeira esperança; um ponto luminoso lhe apparece lá ao longe; uma estrella salvadora brilha lá nos confins do porvir e lhe dá animo para resistir mais um momento aos embates desse mar tempestuoso das paixões, da ignorancia e do erro. Ia já a sossobrar quando de repente se illumina o horizonte, e num cantinho da Galiléa apparece o Desejado das Nações, o Salvador do Mundo!

«*Gloria a Deus nas alturas, e paz aos homens de boa vontade!*» é o cantico que o annuncia, é a saudação da humanidade, que se reprecute nos quatro angulos do mundo!!

Está salva a humanidade, o Messias prometido baixou do ceu á terra, foram despedaçados os grilhões que a escravisavam ao poder tyranico de Satanaz, quebradas as algemas que a sujeitasse a suas paixões desenfreadas e brutaes.

Jesus Christo sae á conquista do mundo, á sua boca afluem palavras de consolação e amor: renova-se o pacto da vida eterna entre Deus e o homem, e regenerado pelas aguas salutares do baptismo, é outra vez admittido ao convivio da Divindade, é chamado filho de Deus, irmão de Christo e companheiro de sua gloria.

Que mais faltava ao homem para ser feliz, para ser tão ditoso como seu primeiro pae ao sair das mãos de Deus, cheio de graça e innocencia? Que mais tinha a desejar uma vez que de novo fora admittido á participação do amor e da gloria do mesmo Deus?

Adão, no estado primitivo da sua innocencia não era mais rico de graças sobrenaturaes, que seus filhos já remidos e regenerados por Christo. E assim muito bem diz S. Agostinho, que se Deus foi admiravel creando o homem, muito mais o foi redimindo-o da culpa!

Mas sendo o homem fragil por natureza, e não vindo Christo mudar essa natureza, senão regeneral-a, como se conservaria o homem n'este segundo estado, elle que não foi capaz de permanecer no primeiro?

Não temamos, que se a Segunda Pessoa da SS. Trindade desceu do ceu á terra para resgatar o homem perdido pela culpa, Elle o fará de modo que todos se possam approveitar de sua vinda, e taes meios deixará na Egreja ao voltar para seu Pae, que só não se salvará quem absolutamente o não quizer, com extrema facilidade, porque a Redempção de Christo é tão copiosa que se infinitos mundos houvera, infinitos mundos salvára com a mesma facilidade.

E que meios serão esses de tal valor e efficacia?

Os Sacramentos e os meritos de sua vida, paixão e morte, eis os meios que deixou ao nosso alcance, e meios tão copiosos, tão abundantes, tão infinitos em numero e valor que jámais conseguiremos exauril os em tempo algum!

Os sacramentos são as fontes da graça; por elles infunde Deus na alma bem disposta thesouros infinitos de misericordia e aquellas graças especialissimas que são proprias de cada um.

O baptismo é para assim dizer a infusão da graça primeira, a elevação do homem do estado natural ao sobrenatural, á participação da mesma Divindade.

Elevado o homem á graça primeira não ficava por isso impecavel, como impecavel não era o primeiro homem, e muitas vezes cederia ao pezo de sua propria fraqueza e se faria reu das penas eternas e de perdição inevitavel Como acudir a tão grande necessidade da humanidade que toda se perderá inevitavelmente por sua fragilidade e fraqueza?

Oh poder das invenções da sabedoria de Deus! Jesus Christo institue o mais maravilhoso dos sacramentos, esse sacramento que todos os dias irá reconciliar com Deus infinitos peccadores e commutar-lhes a pena eterna em uma pequena expiação temporal!

Basta-lhe apenas declarar seus peccados a um representante do mesmo Deus, o qual guardará eterno e inviolavel segredo, proferindo ao mesmo tempo um *peza me* do coração!

Mas tantas finezas de Jesus não bastavam ao infinito amor que Elle tem pelos homens.

Uma sêde ardente de se unir á creatura, obrigou-o a descer do ceu á terra e não era possivel ao seu amor estar um só instante separado do homem a não ser, que elle teimasse em viver separado do seu Deus e Senhor.

Mas o homem peccando ficava sujeito a uma pena temporal ou eterna e portanto a uma egual separação do Summo Bem.

A pena eterna devida ao pecado só pode ser perdoada pela *confissão*, quando não ha uma dôr perfeita dos pecados, isto é, *contrição*.

E ainda que esta não seja absolutamente necessaria para a remissão dos peccados veniaes, porque para estes é provavel bastar a simples *attrição;* comtudo para que o homem seja purificado de toda a culpa e pena por meio da dôr, é necessario que esta seja *intensissima*.

Não sendo porem facil ao homem, fazer um acto de contrição *intensissima* deixou Christo á sua Egreja um thesouro donde podesse tirar com que satisfazer abundantemente a Deus pelas penas devidas aos seus peccados: são os meritos infinitos de sua vida, paixão e morte, os quaes Elle deixou em deposito para serem applicados aos fieis e servirem de troco á pena que lhe era devida e que necessariamente devia pagar — ou cá na terra com amargas penitencias e boas obras, ou no Purgatorio com penas atrocissimas e inenarraveis.

A applicação, pois, dos infinitos meritos da vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo e dos Santos em troca e satisfação das penas temporaes que por nossas culpas estavamos obrigados a padecer no Purgatorio ou a satisfazer com penitencias nesta vida, eis o objecto do presente trabalho, e que propomos desenvolver em artigos subsequentes com o titulo de — *As indulgencias.*

Para mais facil intelligencia do que havemos de tratar, resumiremos assim o que acabamos de expôr:

1.º A humanidade, pelo peccado original, só ficou privada dos dotes sobrenaturaes, absolutamente gratuitos, isto é que de modo algum lhe eram devidos por sua natureza. Estes dotes tinham sido concedidos a todos os filhos de Adão,

com a condição de que este se conservasse fiel ao preceito que Deus lhe tinha imposto ; como assim não aconteceu, sem culpa pessoal — ficaram delles privados.

Adão, porem, que por sua culpa incorreu na maldição divina, não só ficou egualmente privado dessa graça sobrenatural, mas incorreu alem disso em peccado *grave* e *pessoal*, e fez-se reu de penas eternas ; o que não succedeu á sua posteridade, que sómente perdeu o direito que tinha á gloria, sem de nenhum modo ficar condemnado ás penas eternas do inferno, como se pessoalmente tivesse prevaricado.

Essa graça sobrenatural, como era absolutamente individa á natureza humana, só por uma nova fineza do amor de um Deus lhe podia ser outra vez concedida. E' o que nos advem pelo Baptismo, que não é outra cousa que a infusão da graça que adornava o primeiro homem no estado de innocencia.

2.º Restituida ao homem pelo Baptismo a estola da innocencia e da imortalidade, não ficava por isso impecavel, como impecavel não era o primeiro homem, e muitas vezes certamente a tornaria a perder pela culpa. Para este mal deixou Christo um remedio efficaz e maravilhoso — o Sacramento da Penitencia. E é tão grande e poderosa a sua virtude, que se o homem o recebe acompanhado d'uma contrição intensissima não só lhe é perdoada a culpa e a pena eterna, mas ainda a pena temporal, de sorte que seria immediatamente levado a gosar da vista de Deus a alma que se separasse do corpo depois d'uma tal confissão. Taes disposições, porem, só com grande difficuldade as pode alcançar o homem fraco e inconstante. Uma pequena dôr causada muitas vezes por motivos meramente naturaes, taes como a fealdade do peccado ou o temor das penas eternas, são os motivos ordinarios que o levam ao arrependimento. Mas esta é a graça do Sacramento da Penitencia, que com tão pouco trabalho se alcance tanto fructo, com um *peza-me* sejam trocadas as penas eternas em outras tão limitadas como são as do Purgatorio, ou as penitencias que nos impomos neste mundo.

3.º Sendo tanto, ainda parecia pouco ao infinito amor de Jesus Christo pela humanidade ! Já nos tinha enriquecido muito mais que ao primeiro homem, dando nos não só a mesma graça com que elle foi adornado, senão tambem um meio facil de lavarmos nossos continuos peccados, graça que não foi concedida a nossos primeiros Paes. A Redempção foi muito mais admiravel que a creação, e tão copiosa e superabundante, que com ella não só nos restituiu a graça original pelo Baptismo, e a actual pela Penitencia e Confissão, mas ainda quiz ser mais prodigo de graças e fazer-nos o ultimo dos favores que era perdoar-nos a mesma pena temporal, esse pequeno tributo já tão reduzido e atenuado pela infinita bondade e misericordia de um Deus! E com que paga Jesus esta divida que com elle contraimos peccando ? Com os infinitos e superabundantes meritos de sua vida, paixão e morte, que Elle deixou em deposito na sua Egreja com o poder de os distribuir e applicar ás almas mediante certas condições, que deviam ser determinadas pela sua Egreja a quem foi confiado tão rico thesouro.

São esses meritos, junctos aos de Maria Santissima e dos Sanctos, que constituem o *Thesouro* da Egreja, ou, as *indulgencias*, e de que fallaremos no proximo numero.

Secção historica

O verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis

(Continuação)

A NECESSIDADE de justificar a sua antithese entre o propheta e o sacerdote precipita M. Sabatier em novos excessos.

Avança elle (p. XIV) que os sacerdotes do seculo XIII foram homens que conseguiram ser reputados por idolos, que podiam fazer o que lhes approuvesse a favôr das almas ou contra ellas, e perante os quaes cada alma só tinha que tremer e prostrar-se em adoração.

Mas será essa a realidade ?

O testemunho da historia comportará uma tal asserção ?

Verdade, verdade, eis uma pintura que nada tem de historica ; mas é pura ficção.

Os factos apregoam que nunca os directores espirituaes supportáram maior resistencia do que no seculo XIII. De resto «este idolo perante o qual todos tinham de se prostrar tremendo não é coisa que se encontre em Matheus Paris, Thomaz Celano, Thierry d'Apoldia, Vicente de Beauvais, ou em qualquer dos historiadores do seculo XIII.

Mas é necessario para o emocionante estudo de M. Sabatier sobre a lucta entre o sacerdote e o propheta. Se não existe tem de ser inventado». (1) E afinal, como bem o sabe o mesmo critico, «se nada em philosophia é mais apreciavel do que uma

(1) Da «Carta aberta a M. Paulo Sabatier,» no Mensageiro Franciscano Inglez que temos citado mais vezes.

generalisação, nada é mais temerario em historia.

A Rhetorica póde dizer-se que vive de contraposições. Mas a historia deve procurar fundamentar a sua força de persuasão na realidade dos factos, e não na audaciosa contradicção apoiada em theorias que se não provam».

A these de M. Sabatier exigia que os poucos monjes, sacerdotes e prelados, que poz em scena fossem o menos attrahentes possivel. Portanto, a generosidade dos Benedictinos de Subasio, que concederam a S. Francisco a Porciuncula e a egreja de S. Damião é attribuida (p. 154) a um desejo de desfeitear o Bispo Guido de Assis, (1) e ganhar popularidade entre o povo, que «os detestava».

Relativamente ao mesmo Bispo Guido, M. Sabatier — para ser cortez a valer, — faz contra elle a peor allegação que póde. Afim de fazer passar por tenebrosa a luz que póde brilhar no caracter de Guido, elle vai tão longe, que depois de pesquizar bolorentos archivos sai com a descoberta de que elle (p. 81) foi em certa vez accusado de roubar vinho do convento dos Cruzios! Pobre these, na verdade, é a que necessita ser defendida por taes meios.

Mas qual o motivo de queixa contra Guido? E' que sendo prevenido da grande empresa que S. Francisco tinha em vista, (2) manifestou duvidas ao Santo quanto á sua execução, exhortando-o a reflectir quão difficultosa coisa era pôr em practica a perfeição que elle propunha (p. 80).

N'este proceder vêmos da parte do Bispo a mais elementar prudencia; e M. Sabatier vê nisto uma clara manifestação da sua má vontade.

E que mais? O Cardeal Ugolino, o unico homem do Sagrado Collegio que parece ter tido um coração feito para apreciar S. Francisco, é tambem sacrificado ás exigencias da these de M. Sabatier. Elle é apresentado como o verdugo de S. Francisco.

Avança-se que a sua amizade, — porque se estabeleceu uma amizade muito verdadeira entre S. Francisco e o Cardeal, — não foi vantajosa para a Ordem, antes a prejudicou. Não ha conhecimento de tal entre as melhores auctoridades: pendem mais para a opinião contraria — que sem o Cardeal Ugolino nunca a Ordem tomaria o desenvolvimento que teve. Foi elle quem defendeu a nova Ordem contra aquelles que a teriam suffocado á nascença, e, diz Celano, elles eram muitos.

Demais, elle prestou ao Seraphico Fundador muitos testemunhos d'amizade e admiração, que pareciam absolutamente sinceros. (1)

E comtudo, M. Sabatier diz nos que o ideal Franciscano não teve maior inimigo, e dá o Cardeal por um secreto instigador de Fr. Elias, o genio mau da Ordem, e incitando a Santa Clara «a ser infiel aos seus votos», no que respeitava a pobreza (p. 160.)

Nem poupou o apostolico S. Domingos.

A sua proverbial amizade para com S. Francisco, celebrada pela arte e poesia, é maltractada grosseiramente. Porque? Pelo facto de que «a sua vida se passou nas ruas de Roma, onde elle ia continuamente a supplicar instrucções». (p. 217).

Era elle, portanto, a antithese de S. Francisco, «o homem da inspiração».

Diversamente dos Franciscanos, «a Ordem dos Frades Prégadores emanou do Papado, e S. Domingos é apenas o seu pae putativo» (234). Ao contrario de S. Francisco, S. Domingos é «visto batendo-se com os herejes,» etc. (p. 46).

Esquece M. Sabatier, que as obras dos dois Santos teem fórma diversa. Para differentes apostolos, espiritos differentes. Cada Santo tem uma esphera d'acção peculiar, justamente como cada Ordem tem alguma missão especial, que justifica a sua existencia como sociedade, dentro da Egreja, sociedade mais ampla.

Por isso, ao passo que S. Domingos e a sua Ordem surgiram para defender contra a heresia a Sancta Fé, S. Francisco e a sua Ordem foram mandados para a reforma da sociedade Christã em si mesma. Embora, tão eclipsada está, á vista de M. Sabatier, pela sua antithese, que elle só reconhece

---

(1) O Bispo Guido Secondi occupou a Sé Episcopal d'Assis desde 1206 até 1228. Celano descreve-o como um homem cheio de piedade.

(2) Lêmos na «Legenda dos 3 Companheiros» que o homem de Deus foi muitas vezes pedir conselho ao Bispo (II, 10).

---

(1) Na collecção de Bullas dos Franciscanos ha mais do que 300 dos seus actos, que teem connexão mais ou menos directamente com aquelles Frades.

a magestosa figura do fundador dos Frades Prégadores á luz das fogueiras inquisitoriaes.

E' uma lastima que as paginas mais artisticas da sua obra ficassem estragadas com insultos grosseiros contra a veneração devida aos Santos e ao Papado. Eis a razão por que a sua «Vida» de S. Francisco foi posta no Index dos livros prohibidos. (1)

Nas relações de S. Francisco com a Curia Romana, M. Sabatier não passa de duas pinturas: pinta a S. Francisco guiando-se exclusivamente por uma inspiração directa e immediata; (p. 144) pinta o Papado violando e esmagando a sua independencia pessoal.

Nesta labutação para provar que a auctoridade da Sé apostolica foi sempre um travão para a liberdade, um véo para a verdade e um obstaculo a todo o enthusiasmo apostolico, cada favor concedido é uma «cadeia doirada», cada privilegio outhorgado é «uma traição,» cada approvação é «uma fraude», cada graça liberalizada é um «acto de tyrannia».

Mas façamos a approximação d'alguns factos entre si, afim d'esclarecermos o nosso argumento. No começo do anno de 1209-10 (2) deu-se um episodio que *não* é narrado no livro de M. Sabatier.

N'aquelles primeiros dias criticos da Ordem advieram, na verdade, vantagens para os Frades, mas tambem opposições (3).

S. Francisco, reunindo em volta de si o ranchinho dos seus discipulos, disse-lhes: «O nosso bom e misericordioso Senhor deseja estender a nossa pequena familia. Temos de submetter, agóra, o nosso theor de vida ao Santissimo Pontifice Romano. Pois que, sem o seu consentimento e approvação parece-me que nada póde ser bom e estavel em materias de Fé ou de vida religiosa. Vâmos, portanto, á nossa Mãe, a Sancta Egreja Romana. Dêmos conhecimento ao Senhor Papa do que Nosso Senhor começou a fazer por meio de nós. Continuarêmos a nossa obra, segundo a sua vontade e as suas prescripções» (1).

E' preciso notar que esta approvação não era da essencia, n'aquelle tempo, nem usualmente a solicitavam os primeiros fundadores das Ordens, visto não existir alguma lei ecclesiastica, então, que a tornásse obrigatoria (2).

Aqui está, portanto, S. Francisco, digâmol-o assim, antecipando o pensamento da Egreja.

Era tal a orthodoxia das suas opiniões a respeito do Papa que, antes de emprehender a grande obra da fundação da sua Ordem, julgou necessario assegurar a paprovação da Sé Apostolica.

Como levou elle a effeito o obter a approvação? Depois d'escripta a Regra, partiu S. Francisco com os seus discipulos, para Roma.

Primeiro procuraram humildemente a Guido, Bispo de Assis, que succedeu estar em Roma (3). Por intermedio d'elle foi S. Francisco apresentado ao Cardeal João de S. Paulo, Bispo de Santa Sabina, varão santo e letrado, que por sua vez apresentou S. Francisco a Innocencio III (4).

Ha versões muito diversas ácerca d'esta entrevista.

Bastará dizer que depois de madura deliberação e minuciosa investigação a que assistiram o Bispo Guido e o Cardeal de S. Paulo (5), o Papa a despeito dos protestos d'alguns membros do Sacro Collegio, que consideravam a empresa leviana e impracticavel, approvou o nôvo modo de vida.

M. Sabatier declara (p. 101) que a expressão «approvação da Regra», pela qual tem sido sempre designado este acto de Innocencio III, é erronea, e assevera, com grande pompa de citações e correspondente segurança de asserção, que o Papa «simplesmente deliberou suspender o juizo» em vista da petição de S. Francisco.

---

(1) Decreto de 8 de junho de 1894.

(2) Os Annalistas não estão d'accordo na data em que S. Francisco foi a Roma pedir a approvação da sua Ordem. Alguns, como Waddingo e M. Sabatier, dizem ter sido no estio de 1210. Outros, como os Bollandistas e o Breviario Seraphico indicam o mez d'abril de 1209.

(3) Tres Socii, appendix, Cap. III, 35.

(1) Tres Socii, Cap. I.

(2) Essa lei só se promulgou em 1215, no 4.º Concilio de Latrão. Vide Le Monnier, History of St. Francis, C. V.

(3) Waddingo, Annal. Min, Tom. I, p. 61, VII.

(4) Dante (Paradiso, XI, 91, loc.) alludiu a esta scena, descrevendo a maneira recta e real de proceder de S. Francisco Tambem forneceu a Giotto um dos seus mais admiraveis frescos.

(5) Tres Socii, 48. Knox Little, St. Francis of Assisi, 126.

Mas esta opinião, muito inverosimil de si, não é sustentada por provas, e só tem por fundamentos a interpretação forçada de poucas passagens equivocas d'escriptores antigos.

Ella fica sufficientemente refutada pelas mesmas palavras de S. Francisco. No seu Testamento, elle declara que «o Papa confirmou a Regra», e Honorio III, em sua Bulla de 1223, falla d'ella como «*approvada*, por Innocencio, nosso predecessor».

Todos, ordinariamente, reconhecem na petição de S. Francisco para obter a approvação Papal, uma orthodoxia digna dos maiores louvores. Todavia, segundo M. Sabatier (p. 99) isso só mostra que elle soube «fallar bem alto» (1). Dos paternaes conselhos do Cardeal, elle falla sarcasticamente (p. 96), como a «insignificante paga da Côrte de Roma».

Quando, por fim, o Papa approvou a Regra, favorecendo os desejos de S. Francisco, os Frades, diz M. Sabatier «ficaram sujeitos a um jugo, que se havia de fazer sentir terrivelmente». (p. 101).

O Papa, ao dar a approvação concedeu aos Frades a sua benção, e M. Sabatier, nos diz (p. 101) «que as flores da rhetorica clerical occultavam as algêmas com que elles iam ser agrilhoados.»

Os Frades ao deixar Roma, iam repletos de jubilo por terem conseguido o objecto dos seus desejos; e M. Sabatier diz (p. 102) «muitos estavam destinados a prantear a sua liberdade perdida, a morrer para reconquista-la».

Finalmente, quando Honorio III sabiamente prohibiu aos Frades que se ligassem com votos solemnes antes de terem passado um anno de noviciado, M. Sabatier diz (p. 245) que isto realmente era «a intervenção da mão de ferro do Papado na Ordem dos Frades Menores,» para a sua destruição.

---

(1) M. Sabatier falla de S. Francisco, como se elle tivesse ido a Roma, arrogando a si mesmo a auctoridade de juiz da Egreja, para exprobar e reprehender o seu Chefe. Ora elle não tem sequer um retalho d'evidencia positiva para architectar uma tal ensinuação; todos os documentos individuaes contemporaneos e authenticos, de que ha noticia, são contra ella.

Excavações

XIII

As Ordens religiosas e as missões ultramarinas

E' este o titulo de um opusculo que foi publicado em 1893 donde extrahimos este trecho que se refere aos effeitos economicos das missões ultramarinas organisadas com congreganistas de ambos os sexos:

«Se porém attentarmos nas missões catholicas mais convenientes para a civilisação dos selvagens, como as pouquissimas que possuimos em Angola, os seus resultados economicos attingem proporções que verdadeiramente se não pódem calcular. Imagine se n'um ponto do sertão, ás vezes na margem de um rio, uma d'essas estações pacificas e abençoadas.

Guarneçâmos ahi um vasto e simples edificio com todos os machinismos relativos tanto aos mais necessarios como aos mais uteis officios e artes da vida. Ponhâmos em volta d'essa construcção um grande campo onde amarellecem as searas, verdejam os legumes, crescem as arvores, pendem os fructos. Entreguêmos a direcção e os trabalhos d'esse laboratorio e d'essa veiga a irmãos conversos, idoneamente apercebidos por um longo aprendizado. Confiêmos a elles constantemente, fóra das horas do estudo, do recreio, do templo, da refeição e do dormitorio, adolescentes e jovens indigenas, a maior parte libertos, arrancados talvez bem longe ás garras da escravidão. Deixêmos vir tambem com frequencia a tão gratuita escola industrial e agricola a virilidade selvagem das circumvisinhanças...

Figurêmos agora, n'outro logar proximo, porventura na outra banda da torrente, um vasto e singelo estabelecimento de educação feminina. Dotêmos esse instituto com todas as cousas fixas e moveis que forem indispensaveis para a sua existencia autónoma e para um bom ensino lectivo e domestico. Provejâmos no governo, no magisterio e nas funcções culinarias e hygienicas, piedosas e affectivas irmãs, devidamente habilitadas por uma systematica preparação. Internêmos ahi creanças de côr, tambem na maior parte resgatadas por compra, em distantes e escuras paragens. Cresçam ellas em edade, desenvolvam o espirito, fórmem o coração, assimilem os costumes das suas bemfeitoras, habituem-se a todos os serviços caseiros... E quando ahi se tiverem já feito mulheres e do lado opposto homens, levae-os aos pares á egreja, por varias vezes em cada anno, reuni cada casal pelos laços do matrimonio, agrupae-os em pontos escolhidos d'aquellas cercanias, deixae-os receber ainda auxilios da missão, arrotear a terra, pastorear o gado, exercer o officio, ensaiar o commercio, multiplicar a prole, consolidar a aldeia e ter por fim vida propria, só moralmente subordinada ao fóco apostolico d'onde radiaram.

Aquelles irmãos laboriosos, aquellas irmãs generosissimas, aquelles nucleos constantes de perfeita educação, aquelles indigenas dos arredores que vizitam a granja e a officina, aquellas familias christãs nascentes, aquellas começadas povoações e aquelles sacerdotes austeros, incan-

saveis, providenciaes, a dirigirem tudo superiormente para os seus elevados fins, a que alturas nos não levam o pensamento pelos horisontes largos da economia social das metrópoles e das colonias!

E então, nós, os que nunca penetrámos na Africa, nós, os que nunca vimos esses prodigios do apostolado cotholico, não devêmos apesar d'isso comprehender muito bem que Bartie-Frére, Cameron, Wissmann e Petters, protestantes ou racionalistas, vênham proclamar altamente á Europa que só por meio de missões como as de Bagamoio se poderá levar a civilisação, com utilidade e gloria, ás emmaranhadas brenhas do ainda escurentado continente?

Mergulhem ahi profundamente o olhar os utilitaristas de todos os generos, sobretudo os que mais dominados pelas paixões sectarias andam a brandir furias contra esse apostolado heroico do ultramar.

Meditem accuradamente em que esses padres, irmãos e irmãs, plantando os arraiaes evangelicos no seio d'esses negros territorios, obedecem a um systema completo de civilisação, adequado ás condições de existencia do selvagem e aos mais largos interesses das potencias coloniaes.

Attentem com circumspecção em que, mesmo nas missões e para os seus vantajosissimos fins, são aproveitados os proprios indigenas, por meio de conveniente e bem dirigidas aprendizagens.

Reflictam em que os selvagens adultos, attrahidos a esses nucleos pelos presentes, pelos cantos religiosos, pelas singulares circumstancias de uma vida culta e pelas lições technicas da officina e da lavoura, adquirem e vão derramar pelo sertão proveitosissimos conhecimentos agricolas e industriaes, que, alimentados no fóco por uma acção constante e progressiva, irão avançando como ondas de luz, cada vez mais expansivas e mais volumosas.

Pondérem que essas novas aldeias, compostas de nascentes familias christãs, onde a mulher tem já a comprehensão da sua dignidade e dos seus deveres, como tambem o conhecimento de todos os serviços domesticos e o habito de os realisar; onde o marido sabe agricultar a terra ou exercer um officio, ao mesmo tempo que traz a sua vontade sujeita já a um codigo simples e completo de obrigações moraes; onde finalmente os conjuges sabem lêr, escrever e contar, quando não possuem uma instrucção que faria inveja aos habitantes de muitas localidades do mundo civilisado, — essas aldeias são fontes de progressos materiaes, que podem augmentar de intensidade, escoar para todos os lados e irrigar todas essas paragens, como os jorros de agua, abertos em varios pontos de um campo, chegam porfim a inundar toda a immensa e ainda ha pouco árida superficie.

Vejam com nitidez que todo esse novo modo de ser n'uma circumferencia crescente, fazendo apparecer por todas essas zonas ainda agora selvaticas, outras condições de vitalidade material, cria por isso mesmo tantissimos objectos de permutação, normalisa a troca entre os habitantes de cada logar, possibilita o estabelecimento regular de relações juridicas entre os diversos povoados e tende a chamar para essas regiões o europeu, a permittir-lhe a residencia transitoria ou definitiva, a ligar o interior com a costa, a desenvolver o commercio da colonia com a metropole, a formar da possessão um emporio, a prender esse mercado com os de todo o globo e a concorrer por todos esses caminhos para a futura organisação da economia universal da humanidade.

Mas depois de haverdes olhado para toda essa rêde immensa de interesses crescentes e para esse cardume de riquezas, vós ainda os que sois utilitaristas, se porfim sois homens, estaes obrigados a curvar-vos diante d'esses gloriosos obreiros das missões ultramarinas.

Já não queremos que as acceiteis em nome da religião divina do Crucificado. Já não queremos que as desejeis em nome dos mais alevantados ideaes politicos. Já não queremos que as admittaes em nome das mais poderosas exigencias da administração colonial. Já não queremos que as perfilheis em nome da philosophia, da razão, da consciencia e da liberdade. Já não queremos que as abraceis em nome das suas mais indiscutiveis consequencias moraes e juridicas. Mas porque o ouro é o vosso deus, a economia o vosso evangelho, o interesse o vosso dogma, o dinheiro a vossa hostia, ajoelhae, adoradores do bem estar, perante essas creaturas laboriosas que, sem nada tomarem para si, amontôam para vós o capital, ou então calcae aos pés a vossa hostia, abolí o vosso dogma, rasgae o vosso evangelho, derrubae o vosso deus e rugí porfim que nem sequer na materia acreditaes.»

PENSAMENTOS

Vós vos envergonhaes de mim; e eu me envergonharei de vós, dizia Christo. Quando o christão se envergonha do Evangelho, Christo tem vergonha do christão.

*

Os genios assemelham-se aos grandes montes, que attingem o ceu e formam valles que fertilizam a terra.

*

Deus collocou o trabalho de sentinella á virtude.

HESIODO.

*

Não ha nada mais contrario aos fins da sociedade que as paixões politicas.

RODRIGUES BASTOS.

ANECDOTA

Uma noite ria-se um celebre astrónomo em casa de Cuvier de Josué, que inspirado ordenou ao sol que parasse, quando na qualidade de sabio devia saber que só a terra é que se move.

— Meu amigo — perguntou Cuvier com um sorriso ironico — a que hora amanheceu hoje?

— Hoje nasceu o sol ás sete e cincoenta minutos, e poz-se ás cinco e onze minutos da tarde.

— Nascer!... Pôr-se!... Como?! Vós um astrónomo célebre, que vos tendes por um semideus, e mais que um propheta, e dizeis que é o sol que nasce e se põe, quando é a terra que se move!...

— Emprégo — respondeu o astronomo — as expressões adoptadas pelo uso.

— Então não escarneçaes de Josué que fez como vós.

Leituras amenas

O Perdão

Por uma noite tempestuosa em que o rugir do vento, o fragôr do trovão e o continuo fuzilar do relampago punham arrepios ainda ao homem mais audaz, rezava um sacerdote, cura de almas o seu rozario implorando a protecção da Mãe de Deus não só para si, mas em especial para os pecadores.

Orphão, sem familia, que uma terrivel desgraça lhe tinha arrebatado, orava continuamente para que Deus trouxesse a bom caminho os causadores da sua desgraça. Os dias sucediam-se como a oração do parocho se sucedia aos exercicios do seu ministerio.

— Ai! que me matam!...

— Jesus!... disse o bom do parocho interrompendo seu rosario, e assomando a uma janella que dava para a praça principal do seu povo. Mas apenas ouviu o rugir da tempestade e o ribombo do trovão. Já se ia a retirar pensando ser illusão o que tão distinctamente tinha ouvido quando lhe pareceu que mesmo debaixo da janella saíam uns gemidos abafados.

— Jesus, que será isto?!...

Pegou numa lanterna e desceu a escada de corrida; e em breve se encontrou diante d'um espectaculo horripelante.

Um homem que aparentava mais de cincoenta annos estava estendido no chão e banhado em seu proprio sangue.

Tinha duas feridas ao que parecia ambas mortaes. Junto d'ellas via-se ainda o punhal com que tinha sido ferido.

— Um assassinado, ou um suicida!...

O bom parocho desabotoou lhe o collete e ajudado por um homem da vizinhança transportou-o para sua casa.

Deitou-o na sua propria cama e em quanto não chegava o medico elle mesmo lhe curou as feridas; e tantos esforços empregou que o pobre homem tornou a si. Em seguida veiu o medico; fez o curativo a preceito e deu poucas esperanças de o salvar, voltando em seguida para sua casa.

Passaram-se alguns dias sem que o enfermo pudesse dar razão de si, assistido sempre pelo cura, que lhe ministrava os remedios, e não cessava de orar por elle fervorosamente.

— Tantas provas de affecto, Senhor cura confundem-me, disse um dia o enfermo, porque eu fui um desgraçado!... Se vos contasse todos os crimes que commetti desde que me conheço, seria um nunca acabar...

— Quanto mais são os nossos pecados maior se mostra a misericordia de Deus em os perdoar.

— Sim, dizeis isso porque fazeis de mim uma ideia differente da que eu faço de mim mesmo. Ouvi-me e vereis como sou criminoso.

— Fallae pois, respondeu o sacerdote.

— Ha vinte tres annos. Era uma noite tempestuosa como aquella em que vós me recolhestes. Procurou-me em minha casa um homem e perguntou-me se queria aquella mesma noite ganhar cem mil réis.

A propósta tentou-me. Eu era jogador; momentos antes tinha perdido até os ultimos cinco réis e com cem mil réis podia de novo rehaver tudo o que tinha perdido, e até augmentar a minha fazenda.

Todos estes pensamentos me perpassaram pela mente como um relampago; contudo respondi:

— Vejamos primeiro o que tenho a fazer, e depois talvez aceite.

— Antes de mais nada, tornou o desconhecido, has de jurar que não dirás a ninguem o que te vou propôr, quer aceites, quer não a minha propósta.

— Juro.

— Bem; sabes a quinta de Macario.

— Sei.

— E' mui rica, não é verdade?

— Oh! se é!...

— Pois tu ganhas cem mil réis se esta

noite mesma assassinares toda a familia, sem que escape uma só pessôa.

Confesso que não estáva dispôsto para ouvir taes condições e estremeci. Mas logo os meus pensamentos me assaltaram de tropel e respondi:

—Cem mil réis é muito pouco.

— Bem dar-te-ei duzentos.

— Ainda é pouco, ao menos deve-me dar trezentos e cincoenta.

— Aceito

O homem saiu. Senti calafrios. Mas o pensamento de ter com que jogar afagava-me. Armei-me e saí.

Foi-me facil penetrar na quinta e ainda dentro de casa. Os creados dormiam em aposentos muito retirados da familia, que se compunha de um velho, marido e mulher, dois meninos e uma menina. Tudo dormia. Entrei n'um quarto, onde descançava o velho. Os seus cabellos brancos infundiram-me respeito. Mas recuar era perder me e perder o meu dinheiro. Tres punhaladas no peito, e o velho nem se mexeu. Continuei a minha faina. Num quarto contiguo, vivia o marido e a mulher. Degolei-os e passei adiante.

— E os tres anjinhos de Deus? perguntou o sacerdote.

— O menino degolei o e a menina apunhalei a; o mais novo que devia ter sete annos saltou da janella ao patio e d'ali correu para o povo. Atirei-lhe com um machada que tinha na mão, e abri-lhe a cabeça, caindo junto a uma arvore; mas quando vim vêr se verdadeiramente estava morto não o encontrei, e jámais pude saber o que foi feito d'elle. Dois dias depois voltou o homem a minha casa e entregou-me a somma estipulada. Fizeram se as maiores pesquizas para encontrar o assassino, mas foi tudo em vão. O meu corruptor entrou na posse de todos os bens dos assassinados, e morreu inda ha pouco legando tudo aos pobres.

O sacerdote suava por todos os póros ouvindo a relação de tão monstruôso crime.

—Já vêdes, continuou, que sou um grande desgraçado, ou melhor um grande criminôso.

— Tudo tem perdão, limitou-se a dizer o bom do parocho, com tanto que estejaes arrependido. E tendes vós pezar de tantos crimes?

— Oh! sim. Mas jámais posso apagar a lembrança d'aquelle pobre menino a quem parti a cabeça. Tudo, tudo posso esquecer, mas parece-me que sem a infeliz creança me perdoar jámais posso alcançar misericordia.

— Não desanimeis, porque maior é a misericordia de Deus, que todos os vossos crimes; quereis confessar-vos?

— Oh! sim.

Confessou-se no meio d'um mar de lagrimas e terminada a confissão tornou a perguntar, mas posso ter perdão?

— Com certeza; mas dizei-me porque tentaste suicidar-vos?

— Hoje fui ferido por me defender. Desde que commetti aquelle crime hei tido um inimigo ainda mais cruel que a minha propria consciencia. E' um companheiro com quem repartia o lucro do jogo.

Reconheceu passado tempo que algo extraordinario me havia succedido e jurou vingar-se por lhe não ter dado parte do que á custa dos meus crimes conseguira. Tem-me perseguido continuamente esperando ocasião de me assassinar. Hoje por eu o não querer acompanhar num roubo que elle tencionava fazer apunhalou-me, deixando-me, ao que elle julga, morto. E' a justiça de Deus que me persegue.

Calou-se alguns instantes.

Entretanto diversos pensamentos se cruzaram no espirito do sacerdote. Apertava freneticamente o lenço que tinha nas mãos, com que de vez em quando limpava uma baga de suor frio que lhe deslisava das fontes.

— Então padre não me dizeis nada? Deus não me perdoa? Não me absolveis?

— Esperae que preciso pensar bem. E um pensamento de atroz vingança acommettia-o.

— Quem saberá que fui eu que o matei. Cortar-lhe as ligaduras e abrir-lhe mais as feridas e tudo estará vingado, monologava elle.

— E se morro antes de me absolverdes?

— Não tenhaes receio que quando chegar esse instante já terei pensado.

— Mas Deus manda perdoar, continuava monologando o sacerdote *«perdoae aos vossos inimigos ainda aos que vos perseguem» «se não perdoardes não se vos per-*

doará» Estes pensamentos tinham-no perplexo.

O bem venceu o espirito do mal. Passaram nove dias e o doente estava livre de perigo, remedios, medicos e todos os mais gastos tinham corrido por conta do sacerdote.

Decorreram mais tres semanas e o doente propunha-se abandonar aquella casa de benção.

— Sois pobre, não é verdade? perguntou o sacerdote.

— Sim, porque o que tenho ganho e roubado tudo foi devorado pelo jogo.

— Pois tomae para os primeiros gastos — E deu-lhe um masso de moédas — Mas não torneis a jogar. Outro dia pedieis a absolvição?

— E' verdade.

— Quereis agora recebe-la?

— Não posso dizer quanto a desejo.

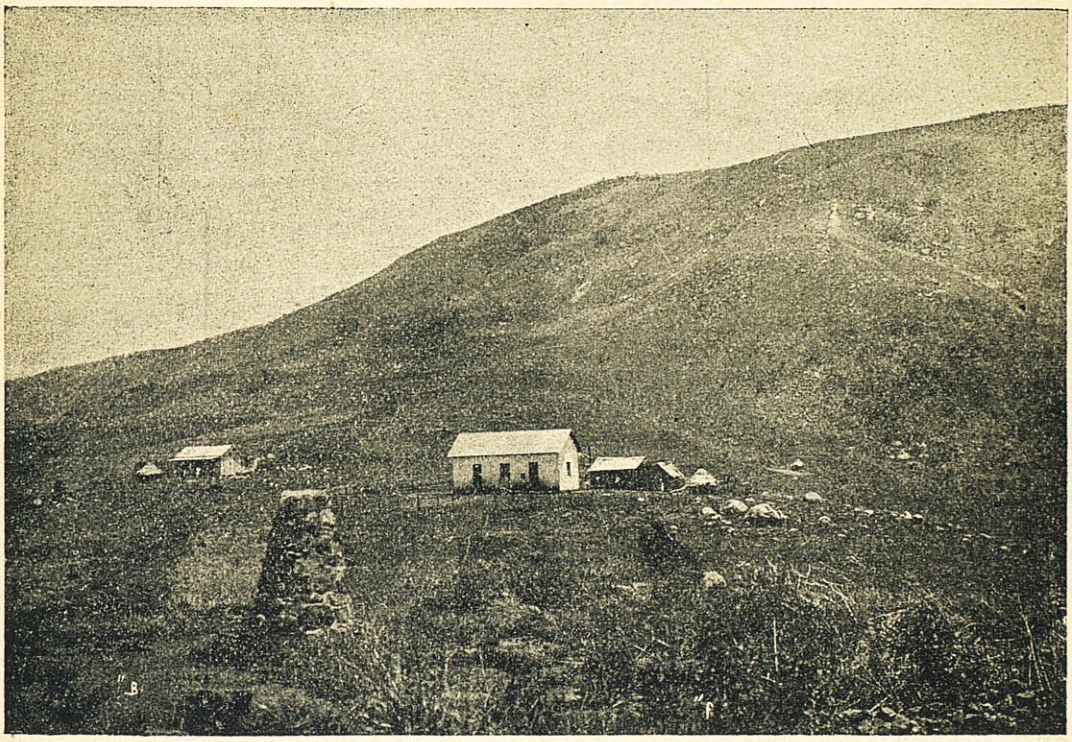
— Pois então ajoelhae-vos.

Confessou todos os seus crimes e então o sacerdote com voz commovida, com acento humilde e cheio de ternura, fallou-lhe assim:

— Eu em nome de Deus absolvo-te de toda a culpa.

O penitente chorava.

—E de todo o meu coração vos perdôo e esqueço todo o mal que me fizestes. Porque aquelle menino de sete annos cujo pae, mãe, avô e irmãos tão cruelmente mataste; aquelle menino cujo perdão tão instantemente imploraveis; aquelle infeliz menino a quem abristes a cabeça com a machada... sou eu; perdôo, para que Deus me perdôe. E mostrou ao outro uma cicatriz bem funda que lhe dividia a cabeça em metades.



FRONTEIRA PORTUGUEZA DE MANICA

Vida e costumes d'alguns insectos

VII

AS ABELHAS

(*Continuação*)

Concluidas estas primorosas construcções, acabados já os armazens e feitos os preparativos indispensaveis para a arrecadação do mel, tractam logo as abelhas do aprovisionamento da colmeia, ajunctando n'ella abundantes provisões do pre-

cioso nectar, de que se hão de alimentar a si e ás larvas.

E' geralmente, quando o sol começa a despontar e a vivificar a atmosphera com seus ardores, que ellas saem do cortiço a forragear pelos campos e pomares.

Como ignoram a topographia do colmêal e das regiões visinhas, antes de se afastarem muito em suas longas correrias, fazem um estudo previo do local. Eis o modo como iniciam suas excursões: saem da colmeia descrevendo uma linha curva para um dos lados e voltando-se logo para o cortiço a fim de o não perderem de vista. Depois que estão bem orientadas a esta curta distancia, descrevem outro semicirculo afastando-se a maior distancia e tornando a voltar a frente ao cortiço como da primeira vez. E' muito rapido este primeiro ensaio, e em um instante calculam perfeitamente todas as distancias, tomando certos pontos de referencia para se não enganarem no caminho, á volta para a colmeia.

Uma vez bem orientadadas na topographia local, jámais se enganam no regresso ao cortiço, nem confundem nunca a propria habitação, ainda que de centenares se componha o colmêal.

E' vastissimo o ambito de seus dominios, e forrageiam todas junctas sem emulação nem inveja, ainda que sejam de colmeias distinctas, no espaço dalgumas leguas de circuto. Tudo depende da quantidade de elementos que encontrem aptos para a fabricação do mel.

Certo apicultor conheci eu, muito practico nesta industria, e cujas abelhas tinha quasi domesticadas, que afirmava tel-as visto á distancia de mais de duas leguas, em uma serra muito farta e rica de flores silvestres.

Eu não as vi, mas creio no que ouvi ao experiente e honrado apicultor, o qual accrescentava que tambem as abelhas davam por elle na serra e o festejavam, esvoaçando e zumbindo em volta d'elle, o que não me parece inverosimil, visto o poderoso instincto que possuem e a facilidade de se domesticarem, bem como o muito amor que o bom velho tinha ás suas abelhas.

Ordinariamente sáem muitas vezes ao dia trazendo grande abundancia de mel para os cortiços; mas algumas vezes, quando o anno é escasso em flores e frutos e teem de ir muito longe buscal as, demoram-se em suas largas correrias desde pela manhã até ao meio da tarde, em que voltam para a colmeia carregadas de mel e outras substancias utilisaveis.

Estas são principalmente quatro que teem diversos empregos no cortiço. Os sucos ou nectar das flores são immediatamente engulidos e armazenados no estomago das abelhas, onde são preparados e elaborados convenientemente e transformados em delicioso mel, que é o manjar mais precioso e esquisito de todos os paladares

Não é pois o mel, como vulgarmente se crê, fabricado do polen que as abelhas apanham nas flores e trazem agarrado ás pernas, mas sim dos sucos que ellas com a tromba vão sugar aos nectarios das flores, e engolem immediatamente, para ser transformado no estomago das mesmas, em mel purissimo.

O polen e outras resinas que apanham juntamente com o nectar, são destinadas a varios fins, sobretudo para certos reparos nos arranjos interiores do cortiço.

A agua é tambem uma das substancias que ellas apanham em boa quantidade. Parte servelhes para matarem a sêde, parte para a subministrarem ás larvas quando d'ella necessitam e ainda para outros mistéres.

Feita a colheita voltam as abelhas ao cortiço a depôr a preciosa carga que arranjaram durante o dia. N'este serviço são igualmente ajudadas por suas irmãs como na fabricação dos favos.

O mel, já elaborado e transformado convenientemente, é depositado nas cellulas de antemão preparadas para esse fim. A' medida que as cellulas se vão enchendo do precioso nectar, vão-nas tapando as abelhas com uma tampa de cera muito delicada e ajustada ao deposito para que foi destinada.

Conforme se vão enchendo e tapando as cellulas já feitas, são logo construidas outras a par e em cima d'aquellas, de modo que nunca faltam depositos onde armazenar as provisões que continuamente vêm chegando á colmeia.

O polen e resinas levam tambem seu destino, á medida que vêm chegando ao cortiço. Servem principalmente para tapar as fendas que ordinariamente existem em toda a superficie interior de suas habitações, empregando as tambem em construcções necessarias á defeza do cortiço ou ás conveniencias e commodidades de seus moradores.

A este respeito observei, no inverno passado, um caso digno de notar-se, sobretudo pelo instincto previdente que revela nas abelhas.

Em um colmêal exposto aos vendavaes do sul, sem abrigo nem amparo algum contra os rigores do inverno, havia um cortiço com varias entradas ao rés do chão, e um buraco no meio com quasi uma polegada de diametro. Este buraco era o que estava mais exposto ás bafuradas invernosas do sul, e como as abelhas não necessitavam muito d'elle, resolveram ohstruil-o, resguardando-se assim do temporal. Puzeram-se á obra logo que appareceram os primeiros indicios de mau tempo, acarretando polen e resinas, e convergindo todas para a mesma obra com uma azafama que era um gosto vêr.

Em poucos dias estava a obra completa.

Era uma muralha forte, resistente e impermiavel, capaz de fazer frente aos embates da mais furiosa tempestade, e ás incursões de qualquer inimigo que as tentasse surprehender em seu lethargico torpôr que as acomette na estação fria.

Assim esteve trancada esta porta até fins de março em que o tempo, começando a levantar, annunciava uma linda primavera, e a estação das flôres e do mel.

Desejando certamente uma entrada e saída mais desafogada, e não temendo já as furias do tempo, *decretaram* estes prudentes insectos a reabertura da porta obstruida, o que levaram a effeito em poucos dias, trabalhando de ambas as partes, isto é, dentro e fóra do cortiço, e revezando-se umas ás outras continuamente, como boas irmãs e companheiras das mesmas fadigas.

A extrema limpeza é uma das notas mais caracteristicas das abelhas.

Conservam sempre no cortiço as condicções

hygienicas mais favoraveis. Jámais evacuam nelle seus dejectos, nem consentem aí qualquer germen de corrupção.

Succede porém algumas vezes, quando o inverno é muito rigoroso, vêrem se obrigadas a evacuar dentro do cortiço, porque no entorpecimento em que se encontram não lhes é possivel saír fóra.

D'esta falta de limpeza involuntaria desenvolve-se não poucas vezes entre ellas a dysenteria, terrivel contagio que as dizima em grande numero. E é tanto mais desastrosa esta epidemia quanto mais tempo são obrigadas a permanecer encerradas nas colmeias, porque a mesma presença de tantos cadaveres victimas do contagio e que ellas não podem retirar do cortiço, agrava muito o mal e produz grande estrago em seus moradores, e ás vezes perdas irreparaveis se porventura é a *abelha mestra* uma das victimas.

Logo porém que o tempo levanta e ellas podem entrar nas lides ordinarias, o seu primeiro cuidado é a limpeza e arejamento da habitação, e a saude de toda a colonia.

Sáem fóra do cortiço a respirar o ar puro do campo, e, sentindo-se já fortalecidas e cheias de vigor, tornam a entrar para cuidarem do aceio e arejamento do local, e saude de toda a republica.

As abelhas mortas são logo transportadas para longe do cortiço, onde não possam vir a ser nocivos á familia seus cadaveres em putrefacção.

Este mesmo cuidado téem-no ellas sempre a respeito d'algum insecto que matem dentro do cortiço ou nelle morra casualmente.

Succede porém não poucas vezes que alguns insectos que aí entraram furtivamente, certas borboletas por exemplo, não é possivel deital-os fóra pela porta do cortiço, por ser esta muito estreita para seu volume. Então inventam um meio engenhoso para afugentar o perigo : puxam o cadaver para qualquer sitio do cortiço onde não faça estorvo, e aí o enterram com uma camada de resina, de maneira a confundir-se com qualquer saliencia do cortiço. Neste estado nunca o cadaver do insecto causará o menor damno ás abelhas. Que admiravel não é o instincto d'estes prestimosos insectos!

Despejam em seguida o cortiço dos dejectos e todas as immundicies que podessem ser nocivas á colonia, estabelecendo ao mesmo tempo correntes d'ar e ventilação sufficiente para o purificarem de todos os miasmas perniciosos. Ellas mesmas postadas em differentes pontos do cortiço, movendo rapidamente as azas, fazem o officio de ventiladores mechanicos, estabelecendo assim uma corrente d'ar muito saudavel, restituindo ao cortiço as condições de salubridade necessarias á vida e saude das abelhas

Estes mesmos trabalhos de ventilação artificial practicam ellas nos dias de grande calor, para conservarem no interior do cortiço aquelle grau de temperatura média, sem o qual se derreteria a cêra estragando suas ricas provisões de mel.

Ainda é mais singular o costume que ellas téem de pousar em grande numero no tecto do cortiço para o livrarem do contacto dos abrazadores raios do sol, impedindo desta sorte que o calor penetre dentro com toda a intensidade, deitando a perder todos os seus thesouros. E' bem digno de notar-se este facto, principalmente sabendo-se que só o praticam quando a muita necessidade as obriga a fazer esse penôso sacrificio, no qual manifestam um instincto certamente nada vulgar!

Quando se enlameiam ou por qualquer motivo se sujam, não descançam emquanto se não limpam perfeitamente. Tomam as posições e atitudes mais extravagantes e caprichosas para este effeito, e ajudam-se umas ás outras com tanto interesse como se tratassem da limpeza propria.

Todos estes trabalhos da limpeza do cortiço, arejamento e ventilação das habitações é executado pelas *abelhas operarias*, que são o *povo laborioso* e *intelligente* donde deriva *toda* a *producção* e *riqueza* da *colmeia*.

A *abelha mestra*, isto é, a *rainha*, é a unica que não se occupa nos serviços pesados do cortiço, nem mesmo lhe é possivel empregar-se em taes officios *porque a absorvem totalmente os interesses da republica, para quem vive e tem sacrificadas todas as suas comodidades e a mesma vida.* Ella é o centro de toda a colmeia, a unica que dá força e unidade a todos os individuos que a compõem, e é privilegio exclusivo da *abelha mestra* o dom da reproducção.

Se reis e magistrados assim praticassem no que diz respeito ao governo dos povos, quão felizes seriam todos! de quanta paz disfructaria o mundo!

Ha porém no cortiço outra casta de individuos que só sabe passeiar de um lado para o outro e zumbir enfadonhamente, atordoando e encomodando toda a colonia, dizimando lhes o mel que não fabricaram e que tantas fadigas custou ás *obreiras*. São os *zangãos*, a *classe aristocratica* das colmeias, os *vampiros* deste *povo previdente* e *laborioso*. Está proximo o fim de raça tão vil.

Não podendo as *obreiras* tolerar sua ociosidade escandalosa e suas depredações injustas, conspiram contra a sua existencia, e determinam exterminal-os totalmente, pois é sempre nociva a qualquer sociedade, uma classe que, nada produzindo para a felicidade publica, só pensa em locupletar-se e passar uma *vida bemaventurada*, ainda que seja á custa do *suor* e *sangue* de seus *irmãos*, vivendo na mais indolente e torpe ociosidade e mollicia.

Convencidas desta verdade as abelhas vão livrar sua pequena sociedade desses seres que não só lhes são inuteis, mas até grandemente nocivos, pois téem-nos já como uns *ladrões* de que não podem esperar mais que malfeitorias e depredações.

Noticiosa a *abelha mestra* da agitação *popular* contra estes zumbidores inuteis, e sabendo a necessidade que tem de um d'elles para assegurar o futuro da colmeia, trata de se utilizar d'elle, abandonando-os então á justa vingança das *obreiras*, que só em attenção á rainha lhes téem conservado a vida, mas que agora serão inexoraveis na execução de seu destino fatal.

(Continua) LUCANUS.

Culto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

BRAGA

Santo Antonio não esquece os seus devotos, distribuindo muitos favores a toda a classe de pessoas, para que concorram com o seu obulo a matar a fome aos seus pobresinhos. Felizmente todos comprehendem que o nosso Taumaturgo é o Santo dos milagres e as esmolas continuam a caír hoje nos cofres, como no primeiro dia que esta instituição foi fundada. Pena é que muitos dos favorecidos do Santo quando lançam a sua esmola no cofre de S. Antonio não indiquem a razão da sua esmola. Dariam mais honra ao Santo e excitariam outras pessoas a pedir-lhe mais graças, caíriam mais esmolas nos cofres, e poderiam ser soccorridos mais pobresinhos.

O rendimento dos cofres durante o mês d'agosto foi o seguinte:

Papel	52$500
Prata em moedas de 500 reis	50$500
» » » » 200 e 100 réis	29$650
Moedas de 20 réis	22$500
» » 10 »	6$500
» » 5 »	1$355
Uma libra em ouro	4$600
Esmolas na Sacristia	930
Somma	168$535

Tambem se encontraram uns brincos d'ouro.

Requerimentos pedindo Pão	3
Petições	15
Acções de graças	4

Graças a Santo Antonio

O professor G. grato pela protecção dispensada por Santo Antonio ao estudante Carlos B. envia para o Pão dos Pobres 500 réis.

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos as grandes graças temporaes que me alcançastes de Nosso Senhor. Aí vos remetto essa pequena esmola. Desculpae a demora. — Vossa devota — *O. I. S.*

— *Santo Antonio de Lisboa,* Esse que fez milagres em vida, ainda agora, pedindo lhe o que desejava obter, mediante esta quantia de 750 rs., para o pão dos pobres que Elle protege, com admiração minha, apresentou o que lhe pedi. — *Um lavrador.*

— *Manuel José Ferreira*, de Gualtar, offerece ao milagroso S. Antonio 1$000 réis por um beneficio recebido.

— Recebemos e levamos ao seu destino para o Pão de Santo Antonio, 15$000 réis offerecidos pelo snr. Antonio Pimenta, da cidade da Victoria (Brazil) em suffragio da alma de sua saudosa esposa D. Alexandrina Pimenta.

— Recebemos mais as seguintes esmolas para o Pão de S. Antonio:

José de Magalhães	500
Uma devota de Mezão Frio	500
D. Martha de Jesus Reis	100
Antonio Augusto (Baião)	700
Eduardo Henriques Neves	265
Manuel Gonçalves Cunha	1$000
P. A. P. Cardoso	50
Maria da Conceição Fernandes	500
Antonio Lourenço	200

BARCELLOS

Em Barcellos vae sempre crescente o movimento do Pão de S. Antonio devido ao zêlo ineansavel do Rev.mo Padre Augusto Cunha.

No dia 13 d'agosto abriram se os cofres sendo encontrada a quantia de 19$190 réis, 5 petições e 1 agradecimento.

No dia 18 do corrente fez-se a destribuição de 150 borôas a outros tantos pobres.

Ultimamente o Snr. Conde de Agrolongo contemplou o Pão com 100$000 réis. O Snr. Conde de Agrolongo é assás conhecido entre os catholicos e elle mesmo um catholico pratico, que sabe comprehender o preceito evangelico: «dae e dar-se-vos-á.» Quasi não ha instituição de caridade no norte do paiz que sua ex.ª não tenha contemplado. Se todos os catholicos portuguêses de meios se compenetrassem que quem dá ao pobre empresta a Deus, as instituições catholicas de beneficencia, estariam mais florescentes.

Oxalá que o exemplo do nobre Conde de Agrolongo os incite á generosidade para com os pobresinhos.

— *Glorioso Santo Antonio.* — Já que fostes tão prompto em attender á minha supplica, alcançando-me de Deus a graça de eu ficar approvada nos meus exames, humildemente prostrada a vossos pés, vos agradeço e offereço-vos 1$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Meu glorioso Santo, agora peço-vos a outra, para que d'aqui a alguns mêses esteja em companhia de meu irmão. — *M.*

GUIMARÃES

No dia 2 do proximo mês d'agosto foram distribuidas 200 borôas de 100 réis cada uma a outros tantos pobresinhos. Os pobresinhos devidamente preparados, ouviram missa e receberam a communhão das mãos do Rev.º Padre Alvaro Tavares, que fez tambem uma practica, como só elle sabe, cheia de unção e espirito evangelico, adequada á funcção que se celebrava.

A esmola para esta distribuição fôra dada por um bemfeitor, que tinha o maior desejo em assistir a esta solemnidade, mas a falta de saude impediu-o de comparecer ao acto religioso. A

missa e 3 *Padre Nosso* foram offerecidos a Deus para que por intercessão de Santo Antonio se dignasse conceder-lhe a saude.

O Rev.º Padre Alvaro Tavares tambem prégou de tarde, sobre o jubileu da Porciuncula.

Foi de Braga gratuitamente para assistir a esta piedosa solemnidade e afervorar mais e mais o bom povo de Guimarães na devoção ao Santo Thaumaturgo português.

De diversas partes

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos profuudamente reconhecida a graça que me obtivestes. Cumpro o meu voto, remettendo aos vossos pobresinhos 500 réis. — A vossa devota *Maria Magdalena Cyrillo* — C. Branco — Fayal.

— Envio a pequena esmola de 320 réis para os vossos pobres, por duas graças que obtivestes á vossa devota *Maria Emilia Jorge* — Magdalena — Pico.

— Agradeço vos meu bom S. Antonio o favor que me concedestes em 1902, fazendo desapparecer o flagello que tanto me apoquentava. — *B. P. M.*

— O Reitor de Sampaio de Villariça, envia 1$000 réis pela graça que S. Antonio lhe fez, sarando-lhe d'uma doença grave um seu familiar.

— *Meu Glorioso S. Antonio.* — Venho agradecer-vos as grandes graças com que me soccorrestes a mim e a minha familia. Não vos esqueçaes das minhas petições, e continuae cobrindo-me com a vossa protecção. Envio para os vossos pobresinhos 2$000 réis. — Vossa humilde devota *Antonia Maria Faria e Lima.*

Glorioso S. Antonio. — Muito reconhecido venho agradecer-vos a graça que me fizestes, de apparecer o meu neto João, que havia fugido de casa do pae, já há um anno, e que vós me deparastes logo depois que vol-o recommendei, e em circumstancias verdadeiramente extraordidarias, que só podem attribuir-se a um grande milagre vosso. Em cumprimento da minha promessa, aqui deposito 1$000 réis, para o pão dos vossos pobresinhos, implorando a vossa poderosa protecção. Estella, 1 d'Agosto de 1905. — *Manuel Gonçalves Cunha.*

INDIA PORTUGUEZA

O dia 20 de Junho no Collegio de Nossa Senhora da Piedade

E' immensamente grato esboçar um assumpto que só terá em vista patentear a milagrosa protecção d'Aquella, em honra de quem se grava este tosco, mas reverente testemunho de reconhecimento. Oxalâ! elle seja um echo de sincera e profunda gratidão e contribua, a publicação, que se propõe dar, das graças obtidas, para se espalhar ainda mais o culto do nosso Illustre Thaumaturgo Português, Santo Antonio!

— Ha annos que o edificio, onde se acha estabelecido, em Pangim, capital da India Portuguêsa, o Collegio de Nossa Senhora da Piedade, dirigido pelas Irmãs Hospitaleiras Franciscanas Portuguêsas, precisava de sérias reparações; apezar de ser patente e bem conhecida a necessidade e de se ter empregado todas as diligencias para que o Estado (a quem pertence o mesmo edificio) attendesse ás constantes reclamações feitas, tudo foi em vão. Convicta da insufficiencia de todos os meios humanos, lembrou-se a Directora d'esse Collegio, de entregar o bom despacho das suas petições a Santo Antonio e para isso se começou a fazer diariamente n'esse Collegio uma pequena devoção; e graças ao nosso Inclito e Padroeiro Santo foi a sua fé coroada de bom exito, pois quando menos se esperava, conseguiu fazerem-se as obras, indo estas ainda além da sua perspectiva!

Em consequencia, summamente penhorada, não pôde deixar encerrado no recinto do seu estabelecimento, o testemunho do seu reconhecimento á benefica protecção de tão solicito Advogado, á sombra do qual já tinha fundado um Asylo para meninas orphãs ou abandonadas; e desde que a direcção d'essa casa foi entregue a tão previdente Economo, tem sido maravilhoso o progredir d'essa instituição, aquecida pela flama incandescente da caridade de seus insignes Bemfeitores, mas indubitavelmente, amparada, sustida e coberta pelo roçagante manto da Divina Providencia, por Santo Antonio !!!

E' pois justissimo que hoje apresentando-se tão resumidamente o bosquejo do muito que por Sua intercessão alcançou, se publique egualmente a homenagem prestada nos seus estabelecimentos, por occasião da festa de Santo Antonio, que, n'este anno, foi transferida n'esta Archidiocese, para o dia 20 do corrente.

Nesse dia, tão anciosamente esperado e que, apezar, da estação chuvosa no clima tropical, despertou airoso e agradavel, houve Communhão geral de todo o Collegio e Asylo em honra do nosso Santo. A capella do Collegio, onde teve logar a solemne demonstração, foi ornada com as melhores alfaias ostentando todas as suas galas, pois é bem conhecido o esmero e zelo pela decoração das capellas e egrejas dos filhos de S. Francisco d'Assis, que, não obstante a austera pobreza que professam, apresentam sempre nos seus templos a mais bella e escolhida ornamentação, respirando tudo, a mais harmoniosa e cadenciada poesia.

O throno do Glorioso Santo era um jardim de plantas e flores que, com seus matizes parecia quererem retratar e syntetizar as virtudes e glorias d'Aquelle Santo e por seus aromas embalsamavam esse ambiente fazendo bater o coração com estranho jubilo; por entre esse perfume, brilhava um bom numero de luzes que, com o seu vivo fulgor davam nova belleza á attrahente Imagem em honra da qual se derramavam elevando sua ardente chama.

Pathetico quadro! á vista do qual só se respirava fervorosa e humilde prece!

A's 7 horas começou a Santa Missa durante a qual se ouviam harmoniosos cantos que por vezes arrebatavam o espirito á comtemplação das glorias immortaes. Seguiu-se a benção do Santissimo e logo o hymno de Santo Antonio em que tomou parte toda essa turma infantil do Collegio e Asylo, soltando enthusiasticas e variadas vozes o que produzia um effeito tão agradavel e commovente que fazia vibrar as cordas do coração, fazendo esquecer suas dores para o levar a pe-

netrar n'essas espheras celestes, onde reina o gozo, paz e felicidade!

N'esse dia, foram as educandas e asyladas mimoseadas com um bello jantar, e todo este dia foi passado na mais enthusiastica expansão; mas não só estas, mas ainda 13 pobres foram agradavelmente surprehendidos com abastado jantar, em honra de Santo Antonio.

A' noite quizeram as educandas levar n'um andor (ornado com todos os seus bonitos e só dirigidas pela sua devoção), a Santo Antonio, por toda a casa, processionalmente, e aqui tomou parte todo o pessoal do Collegio, onde fervorosamente, levando velas, cantavam hymnos durante o curto trajecto, o que devéras impressionava.

Assim terminou o dia 20 de Junho de 1905 de que só restam saudosas recordações que para sempre ficarão esculpidas na alma, mais profundamente, do que se com o buril fossem gravadas no mais duro marmore!!!

LAUS DEO!

OS NOSSOS DEFUNCTOS

Pie Jesu Domine dona eis requiem. Amen.

Dr. José André Carvalho Fortunato Nunes da Conceição.
Antonio Pinto de Bessa.
Manuel Baptista Machado.
José Bernardo Alves M. Guerra.
General Chaby.

Recommendamo-los ás orações dos nossos leitores. Eram assignantes da «Voz de S. Antonio».

R. I. P.

Secção scientifico-litteraria

Os sistemas sociais e a sua base scientifica

II

O liberalismo

PARA substituir o socialismo, apresenta-se-nos o liberalismo com os melhores petrechos scientificos. Ouviu dizer que não ha sciencias como as mathematicas, as exatas, e as positivas, e aparece-nos uma quáse matematica social. E positiva a mais não. Para o provar começa por derruir a autocracia e omnipotencia do Estado socialista, e proclama como primeiro teorema o seguinte:

> O *self-interest* é o unico motor economico, o primeiro movel da actividade humana e o fundamental propulsionador da civilização.

O individualismo é o filho mais velho do liberalismo.

Para elle não ha como a liberdade absoluta do individuo e os interesses do ***eu***.

A felicidade pessoal é o primeiro fulcro da harmonia da engrenagem social.

Segundo o liberalismo o jogo dos variados interesses sociais, a harmonia, a ordem, e a justiça economica exigem uma perfeita independencia em cada homem e uma plena liberdade na acção da offerta e da procura.

Consequentemente, e com toda a razão, o Estado deve abster-se, retrair-se por inteiro, desaparecer até com todas as manifestações de existencia, no que se relacione com os interesses, com a acção, e prosperidade omnimoda do individuo, e com tudo que possa attingir, de leve que seja a iniciativa particular.

Para os illusionistas da escola classica o individuo é tudo. Ou se lhe concede a liberdade ilimitada e sem restrições ou o progresso não será possivel.

Quereis a harmonia e a paz dos homens e o progresso dos povos? Destravai a liberdade de todas as peias do Estado e dos obices da lei, porque o Estado é o tirano da liberdade, e a lei é o sarcasmo do progresso.

Quereis promover a riqueza e o desenvolvimento da industria e fomentar o commercio? Dai plena liberdade *aos homens de bôa vontade*, isto é, á fecunda iniciativa e á concorrencia livre de cada unidade humana.

Todos os males provêm da restrição da liberdade; e o retrocesso historico e economico não é mais que a expressão exata dos obstaculos, do Estado e dos codigos, ás ensanchas e impulsos livres da natureza intima do ser racional que traz, desde o berço, impresso na fronte, pelo lume do vulto

de Deus, um ideal indefinido de perfeição e felicidade. Esta qualidade, fatalmente realizavel, dispensa no homem toda a acção reguladora e dirigente que lhe possa advir externamente.

Por isso, em caso algum o Estado póde ou deve intervir nas relações do *homo œconomicus*, ou entre o capital e o trabalho.

Assiste ao operario o direito inalienavel de tratar livremente com o patrão e viceversa.

O salario do trabalhador é equiparado á condição da oferta e da procura, porque o trabalho é uma preciosa mercadoria, bem como as forças materiais e organicas nelle empregadas. O homem é juiz sufficiente dos seus interesses. Por conseguinte nunca é licito ao Estado intrometer a sua acção despotica entre o patrão e o operario, como suposto reguladôr dos interesses de cada um, porque a liberdade dos contratantes é sagrada. Protegêr neste caso é um eufemismo da opressão.

Demais o Estado intervindo nos contratos falsea todas as leis economicas e naturais, baseadas sobre a liberdade nativa do homem.

Uma vez introduzido no campo economico, a paixão legiferaz do poder será a ruina de toda a industria, do comercio e da riqueza, porque o forceps da lei, sempre em sua companhia, extorquirá insensivelmente a propriedade particular e a sua benefica influencia sobre o desenvolvimento da riqueza, o individuo perderá a coragem de reagir, contra a fôrça dominante; enfraquecerá a sua ação e por fim o estado, não conhecendo limites á sua ambição absorverá tudo, e a breve trecho será elle o unico patrão, unico capitalista, unico proprietario e por fim campeará o comunismo de estado o mais nocivo dos egoismos.

Para obstar a estes desastres, ruina completa de todo o progresso, é que a escola classica nos traz o elixir do combate sem treguas contra o Estado, a lei e a força, e da luta pela liberdade de iniciativa, pelo interesse individual e pelo comercio livre.

D'Argenson disse: *Pas trop gouverner.* Depois delle a cornucopia das bemaventuranças economicas está nestas quatro palavras: *laisser faire, laisser passer.* E' a proclamação do despotismo do *eu* mesquinho, avarento e explorador, em contraposição ao Estado monopolista e sem entranhas.

*

Desvendemos sem demora o segredo da ortodoxia liberal e demonstremos a veracidade das ultimas frases que proferimos.

Não cabe duvida de que os leitores tiveram arrepios e tiveram entusiasmos pela doutrina liberal exposta até agora.

Desejavam declinar as consequencias socialistas e não sabendo a quem entregar-se, vendo que o liberalismo lhes traz os mais rigidos principios adversos, receiando justamente pelo futuro do socialismo para o individuo e para a sociedade, estão prestes a lançar-se nos braços do liberalismo, tanto mais agradavel quanto mais lisongeiro da dignidade humana.

Paremos no entanto. Voltemos de baixo para cima o sistema; examinemos-lhe o fundamento e o fim que tem em mira.

Agitando o facho da liberdade, o liberalismo oculta sob o manto da sua deusa a mais completa negação da propria liberdade.

Deixando de existir a autoridade, o estado e a lei, a imediata destruição do fraco pelo forte, do pobre pelo rico, do operario pelo patrão é infalivel porque lhes faltam os meios de defeza social. De modo que, segundo a experiencia quotidiana indica, o fim imediato do liberalismo é o assassinio da liberdade do maior numero em proveito dos mais fortes, isto é, a concentração da riqueza, da força e do bem estar social nas mãos dos mais ricos e mais fortes, numa palavra a escravização da sociedade a um grupo de potentados.

Atacando pois tão fortemente a autoridade, os liberais tem o proposito não de garantir melhor a liberdade de cada um, mas apenas a transferencia para as suas mãos do despotismo do Estado socialista.

A prova disto está dada, mas os liberais encarregam-se de no-la dar mais explicita, dizendo-nos que o interesse pessoal é a fonte soberana de toda a riqueza, civilização e prosperidade dos povos.

Este postulado da escola liberal, apresentado como o motor da actividade economica e o fundamento da sciencia social tem o colorido de axioma verdadeiro. Ketteler, o grande sociologo alemão, disse com razão: o *self-help* é afinal, no fundo, a lei

do trabalho instituida por Deus e proclamada pela razão.

O postulado liberal do interesse pessoal é realmente na essencia a expressão scientifica da lei do trabalho. Assim interpretado o *self-help* é a fonte de toda a civilização e bem estar social, porque sem o interesse proprio nem sequer se conceberia o trabalho humano.

Mas não é este o resultado intencional do principio do interesse pessoal tão querido dos liberais.

Prova-o bem o seguinte postulado liberal, que é a confirmação do que dissemos acima:

> O homem esforça-se naturalmente por possuir a maior soma de riquezas com o menor trabalho possivel para dar a maior satisfação possivel ao maior numero de necessidades sensiveis.

Este postulado supõi verdadeiras as seguintes proposições:

> 1.°—O homem é um ser isolado.
>
> 2.°—Por conseguinte o homem é em economia um todo e não uma parte.
>
> 3.°—O homem não tem deveres e possue todos os direitos.
>
> 4.°—O trabalho é um mal que se deve evitar quanto possivel e por todos os meios.
>
> 5.°—O homem tem um desejo e necessidade de gozar indefinidamente os bens materiais.
>
> 6.°—O progresso da civilização consiste no aumento indefinido de necessidade e de gozos materiais.
>
> 7.°—As leis e inclinações naturais são bôas, e o unico dever da Economia social é organizar a sociedade de modo que nada obste ao seu funcionamento e realização.

Estas sete conclusões, deduzidas do dogma fundamental da escola classica, são os sete pecados mortais do liberalismo perante a sciencia. São sete dardos a cujo ataque o liberalismo baqueará como sistema de salvação social e como escola scientifica.

DUARTE VICTOR.

As nossas illustrações

D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA, BISPO DE SIENE E NOVO PRELADO DE MOÇAMBIQUE. — Honramos o presente numero da nossa revista com o retrato de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Francisco Ferreira da Silva, eleito Bispo de Siene e novo prelado de Moçambique, e com a carta e benção que Sua Ex.ª tão benevolamente se dignou enviar-nos. Ainda que não fossem as relações amistosas que ligavam esta Redacção humilde ao novo prelado, e as relações futuras que esperamos nutrirá, e muito intimas, com os nossos missionarios da Africa Oriental, tinhamos razões de sobejo para esta pequenina homenagem, de gratidão antes de tudo, no passado brilhante do illustre dignitario, que já bastava para uma historia de benemerencias.

*

* *

Nasceu o novo prelado de Moçambique em Aguiar da Beira. Fez os preparatorios e concluiu o curso theologico no seminario de Vizeu em 1875 cantando missa nova no mesmo anno, obtendo para esse fim breve de dispensa da edade.

No mesmo anno foi nomeado parocho encomendado para Valverde, parochia que pastoreou com um zelo e virtude que deixou memoria no povo.

Desejando aperfeiçoar-se o mais possivel nas sciencias eclesiasticas, matriculou-se em Coimbra no curso de direito em 1879 e em 1884 no de theologia concluindo, com grande aproveitamento, aquelle em 1885 e este em 1889, tomando o grau de bacharel.

De 1881 a 1887 exerceu o cargo de capellão da real capella da Universidade.

A convite do fallecido bispo de Cabo

Verde D. Joaquim Augusto de Barros foi em 1889 occupar o logar de vice-reitor do seminario d'aquella diocese, de cuja Sé foi nomeado conego por decreto de 24 de janeiro do mesmo.

No seminario occupou com muito applauso de todos, as cadeiras de Theologia e Phylosophia; quasi que reconstruiu todo o edificio do seminario, e introduziu outros muitos melhoramentos na parte material e disciplinar. No governo da diocese foi um auxiliar incansavel do Sr. Bispo.

De 1890 a 1893 presidiu á junta do governo ecclesiastico da diocese. Por uma provisão do Sr. D. Joaquim de Barros foi nomeado em fevereiro de 1896 visitador da Guiné portuguêsa e das parochias de Sotovento; por outra provisão de março de 1903 foi nomeado governador do bispado e em abril de 1904 eleito vigario capitular.

Por decreto de 10 de agosto de 1893 foi elevado á dignidade de Chantre; á de Deão por outro decreto de 27 de abril de 1899; por uma portaria do governo da provincia foi nomeado vogal da junta escolar a 24 de outubro de 1895, etc.

Estas e outras muitas dignidades a que o elevaram os seus meritos, actividade e zelo constante dão aos catholicos a certeza de poderem contar entre os prelados verdadeiramente apostolicos, e até entre os homens de lettras a Sua Ex.ª Rev.ma, a quem Deus quiz eleger para pastor de uma porção do seu rebanho, das mais difficeis de pastorear.

Santo Antonio se digne conservar a preciosa existencia do novo prelado, e alcançar-lhe do ceu, em paga da affeição que Sua Excellencia sempre consagrou á imprensa antoniana, a coragem apostolica necessaria para o arduo ministerio a que tão justamente foi elevado.

São estes os votos da Redacção da *Voz de S. Antonio*, que em ultima, humilde e grata homenagem beija com muito respeito o anel de Sua Excellencia de quem se confessará eternamente reconhecida.

BIBLIOGRAPHIA

Principios de Siciologia catholica—por A. Naudet, versão de Gomes dos Santos. *Livraria Povoense*. 1905.

E' mais um bom livro da Collecção «Sciencia e Religião», que a bemquista *Livraria Povoense* acaba de lançar no mercado.

A brochura, que acabamos de ler é uma synthese methodica, clara, de largas vistas, dos principios da *Sociologia catholica*, como o proprio

O Primeiro livro

titulo nol-o indica. Recommendamol-a e agradecemos o exemplar.

Vida e materia pelo Dr. Th. Ortholan, versão de Gomes dos Santos. *Livraria Povoense* de José Pereira de Castro. 1905.

Não nos cançaremos de recommendar a todos os catholicos illustrados, ao nosso clero sobretudo, a acquisição completa da Collecção «Sciencia e Religião», um prodigio de barateza, que forma uma bibliothecazinha indispensavel a todos os estudiosos, e aos amantes devotados da boa e solida sciencia.

Da nossa parte agradecemos o exemplar enviado á nossa Redacção.

Integrismo y Españolismo — Sintesis de la politica tradicionalista fundamental por José Domingo Maria Corbató. — Folheto de 77 paginas, bom papel e boa impressão. Biblioteca espanñola. Calle de Eu Bou, 12—Valencia.

Carta Pastoral acerca da Encyclica do SS.mo Padre Pio x de 15 de abril de 1905 pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Arcebipo-Bispo do Algarve.

E' um documento importantissimo, em que com uma logica inexcedivel tira as consequencias da ignorancia do catholicismo, mostrando bem ao vivo, que todas as calamidades que hoje soffremos são effeito necessario da ignorancia das verdades da fé. Agradecemos e exemplar que nos foi enviado.

La cuestión de la Buena Prensa.—E' um volumesinho de cento e tantas paginas editado pela «Biblioteca españolista» de Valencia, e devido á penna de Francisco Maria Cruz.

A imprensa, todos o reconhecem, é hoje um dos factores primarios da civilisação christã e da educação religiosa na sociedade. O folheto, que vamos analysando, filho sem duvida de sãs e boas intenções, parece-me comtudo não attingir o fim, a que visa, e vem aggravar a funda desunião, que lavra já entre os jornalistas catholicos da nação visinha, e precisamente 'nesta hora, em que tanto se impunha a unidade de vistas e a unidade de acção.

Dogmatisando e considerando-se os unicos representantes e mantenedores da orthodoxia e verdadeira tradição os da «Milicia da Cruz» com Cobertó á testa, atacam desapiedadamente a *Associação da Boa Imprensa* de Sevilha, e em geral quem não communga nos mesmos ideaes. E' exemplo o folheto, que temos entre mãos.

Agradecemos o exemplar enviado a esta Redacção.

Relatorio e contas da direcção do Circulo Catholico do Porto, no anno de 1904-1905.

Este circulo augmenta de anno para anno, alargando mais a sua acção verdadeiramente catholica e social. Parabens.

Um lirio entre espinhos, ou Biographia de D. Emilia da Graça Peixoto Guimarães.

Recebemos e agradecemos este livrinho, que apresenta ás Filhas de Maria e a todas as jovens piedosas como modêlo, de uma menina dotada de todas as virtudes christans vivendo no seculo.

As jovens terão muito a aproveitar da sua leitura. Pedidos a Aloysio Gomes da Silva—Rua da Picaria, 41—Porto.

Diccionario General de Odoutologia y de Arte dental por D. José M. Martinez Casterillo, cirujano dentista.

E' este livro de maxima importancia, não só para os Dentistas de profissão, mas ainda para todas as pessoas que desejam conservar os dentes, e obstar a todas as doenças da boca.

O novo medico pelo Visconde de Souza Soares.

Recebemos e agradecemos este livrinho, que é um tratado de medicina popular e utilissimo principalmente, para os chefes de familia, directores de collegios e de fabricas, parochos, commandantes de embarcações e para todos aquelles que vivem fóra do recurso medico.

Este livrinho é remettido gratuitamente e livre de porte a quem o pedir ao estabelecimento industrial pharmaceutico Souza Soares, rua de Santa Catharina, n.º 1491 — As pharmacias vendem-o a 200 réis.

O Evangelho, *explicado, defendido meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus-Christo,* pelo Padre Dehaut.

Recebemos o fasciculo 15.º d'esta importante obra traduzida pelo rev.mo snr. padre Antonio Gomes Pereira, dig.mo professor do Lyceu Central do Porto.

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.º— Porto.— Preço de cada fasciculo 100 réis.

REVISTAS & JORNAES

«O Economista Portuguez». — Recebemos e agradecemos a visita d'este nosso illustre collega. O ultimo numero é excellente. Analysa com uma logica imparcial as propostas do ministro da marinha, não lhe poupando elogios, que aliás são bem merecidos. Refere-se tambem aos desastres que todos os dias se dão nos Caminhos de Ferro, e em tom de gracejo verbera o conselho da administração da mesma Companhia, chegando no final um *rebuçadinho* ao snr. Ministro das Obras Publicas, que não põem cobro aos desmandos da Companhia. Tem razão o collega, a quem acompanhamos no seu protesto. Os nossos agradecimentos pela visita.

«Hormiga de Oro». — Temos presente o numero 34 d'esta luxuosa Revista hespanhola, repleto de optimas gravuras e texto variadissimo.

«Occidente. — O n.º 959 do *Occidente* é cheio de interesse tanto na parte litteraria como na artistica.

«Gazeta das Aldeias». — Continuamos a receber a visita d'esta util publicação.

«Portugal em Africa.» — Tem-nos visitado regularmente esta revista, interessantissima para todos os que se interessam ainda pelas nossas colonias.

Temos tambem recebido a «*Revista de Extremadura,*» «*Lectura Dominical,*» «*La Fraternité,*» «*L'Association Catholique,*» «*Mensageiro do Coração de Jesus,*» de Portugal, Bilbau e Brazil, etc.

Aos jornaes a «*Palavra,*» «*Cruz,*» «*Cruzada,*» «*Restauração,*» «*Grito do Povo,*» agradecemos as amaveis referencias, que tem feito á nossa humilde Revista, o que em particular fazemos á *Nação*, pela referencia captivante feita ao ultimo numero.

Chronica universal

ITALIA

Passou se no dia 10 o 2.º anniversario da coróação de Sua Santidade Pio X.

No Vaticano houve as costumadas festas. Pio x é um Papa verdadeiramente popular, ao passo que com a sua pouca politica e muita prudencia é um obstaculo insuperavel para os liberaes italianos. A imprensa liberal italiana, mostrou o seu descontentamento em todos os jornaes da seita. Antes riam-se do Papa, que apenas sabia falar o seu dialecto, hoje já o julgam o mais politico de todos os politicos do Vaticano, que com o seu dialecto veneziano e um sorriso nos labios leva as massas populares após si, e desmancha todas as armadilhas que os liberaes lhe estendem. E' que Pio x tem uma ideia nitida e clara não só da reorganisação e acção catholica, mas tambem dos grandes problemas, que hoje assoberbam a humanidade. Desde o primeiro dia do seu Pontificado propoz-se *instaurar tudo em Christo* — e levado por esta ideia aparta com mão de mestre todos os elementos que de qualquer modo se podem opôr a este seu *desideratum* e reune, e unifica tudo o que o póde levar mais directamente ao seu fim.

Por isso elle frustra todos os tramas urdidos pelos politicos italianos que desejavam mais ou menos envolver a Santa Sé na sua politica e nas suas Encyclicas acentùa claramente o seu ideal e a norma que sempre seguirá no seu governo. Os dois annos de Pontificado de Pio x apresentam-no já como um dos grandes Papas que Deus de vez em quando manda á sua Egreja.

— Mais uma vez saíram frustrados os calculos dos liberaes. Já lhes parecia que o seu partido ainda poderia por muito tempo sustar a liquidação que a passos largos se lhe aproxima.

A creação d'um partido catholico era para elles, uma esperança, porque uniriam em torno de si todos os elementos que militam nos partidos avançados, para debellarem o monstro que se levantava ante elles. Proclamando, que a Italia voltava aos tempos da inquisição, ser-lhes-ia facil, consolidarem-se mais algum tempo. Mas não se constituindo os catholicos em partido politico, nada teem a temer os outros grupos partidarios, o que obriga o partido liberal a luctar só com todos os outros. Tendo além d'isso os catholicos a liberdade de intervir nas eleições, é-lhes facil dar a victoria a qualquer candidato, que, inda que não defenda as suas ideias ao menos as não hostilise.

Pio x viu o trama que se urdia, e precaveu os catholicos contra as ciladas que se lhes armavam desfazendo facilmente as rêdes, em que procuravam envolve-los. Hoje não ha partido catholico na Italia, mas ha um bloco, que os liberaes téem muito a temer. O bom resultado das eleições municipaes pende muito para o lado que elles se inclinam. Não se constituindo em partido, os liberaes não os podem denunciar, e conservando a liberdade do voto são muito para temer.

PORTUGAL

Não há acontecimento hoje mais trivial do que um congresso. Como são as obras humanas! Há annos ninguem ouvia falar, senão por milagre, em um congresso. Um congresso era um facto extraordinario, que despertava a attenção de toda a gente illustrada, e era mesmo um *tour de force*, dos que o celebravam e uma fonte de despezas enormes, por causa da ornamentação do local do congresso e o sustento, distrações e viagens dos congressistas. Hôje tudo mudou. Celebra se um congresso em seguida a uma viagem de recreio, em qualquer salão, e há até contratos especiais com hoteis e directores das linhas ferreas para tudo ser mais barato do que de ordinario.

De modo que hôje um congresso é uma coisa trivial, barata e relativamente facil, mas, em compensação, não reveste aquella importancia, não obtem aquelle espaventoso reclamo que em outro tempo fazia do mais simples congresso um grande acontecimento. Hôje celebram se congressos de sciencia, de arte, de imprensa, de tudo... e a maior parte são como as flôres que ao fechar a noite murcham ou morrem, sem conseguirem que o grande mundo tome conhecimento com ellas, quero dizêr: com os congressos e os congressistas.

Se por ventura há um congresso, nesta época de indiferentismo gelado, que desperta a attenção do jornalismo que passa diariamente por todas as nossas portas, do publico pasmacento, ou dos governos ocupados quasi exclusivamente em calcular o Deve e o Há de haver do Estado-finança, isso é um portento que o anjo tutelar do senso commum só concede muito raramente e depois de muito rogado.

Foi exatamente isto que se deu no mês ultimo em Vianna. O nacionalismo, que é como quem diz o partido catholico português, abençoado e recomendado pelo Santo Padre, reuniu naquella cidade um congresso dos seus correligionarios, para tratar de momentosos assuntos referentes á marcha politica e social do partido, e, sem o pedir nem esperar talvez, conseguiu impôr-se á opinião publica, fez com que a imprensa de todos os matizes lhe fizesse reclamo e que os maiores adversarios tecessem verdadeiros e apreciaveis louvores á sua obra moralizadora, politica e constitucional, aos seus homens, aos seus oradores, ao seu ideal e programa.

E mereceria o partido esta apoteose? Sem

duvida. E a prova está em que a apoteose é obra dos proprios adversarios, que quando não podem deturpar os factos nem difamar as personagens, preferem o silencio conspirador a fazêr justiça franca. Indubitavelmente, pois, o congresso do partido catholico em Vianna foi um notavel acontecimento no sentido politico, popular, christão e social.

Todos por exemplo, são de acordo, em que o discurso do sr. Conselheiro Jacinto Candido foi um monumento de sciencia politica e administrativa. Está ali um homem d'Estado de grande envergadura.

O snr. Conde de Bertiandos não podia falar melhor em favor das classes populares e agricolas. Profundamente eclesiasticos e catholicos os discursos do illustre sacerdote Nestor Serafim Gomes, do activissimo chefe do nacionalismo bracarense sr. Conego Augusto Rodrigues e do sabio mr. Mariz ácêrca das relações entre a Egreja e o Estado e a situação do clero.

Tiveram grande importancia social os discursos dos srs. dr. Peixoto Correia e Pestana da Silva o primeiro sobre a descentralização municipal e relativa autonomia das instituições locais e regionais; e o segundo sobre a questão eleitoral, questão vitalissima, e que desejáramos vêr tratada politicamente por todos os leigos, e moral e theologicamente por todo o clero, particularmente parochial; porque é, sem duvida alguma, uma obrigação grave instruir o povo ácêrca dos effeitos sociais e das responsabilidades morais do suffrágio eleitoral. O voto não é, não póde sêr mercadoria. Mais: não só se não póde pôr em leilão, nem vender ou comprar o voto de ninguém, mas nem sequer é licito em consciencia, a quem tiver a possibilidade de ser recenseado como eleitôr, o ficar comodamente em casa, ou não se interessar pela vida publica do seu país. Felizmente que o nacionalismo já iniciou esse trabalho e em diversas partes começam, com grande prazêr dos espiritos rectos, a acordar os sobresaltos que estas obrigações e verdadeiros deveres de consciência há muito devêram ter despertado nos espiritos.

O valôr das conclusões que se tomáram estão em proporção com a alta importancia dos assuntos tratados no Congresso. Ficou, como era indispensavel, em toda a integridade primitiva o programa fundamental do partido. Aditaram-se, porém, algumas conclusões, que são, mais propriamente falando, uma explicação dos seus principios. Esclareceu-se muito o ideal do partido relativamente á questão operaria, á instrucção primaria e secundaria e religiosa da juventude dos liceus e das escolas superiores. Determinou-se que sejam celebrados regularmente congressos gerais e regionais do partido, que se façam frequentes conferencias em cada localidade afim de propagar as ideias nacionalistas e a doutrina do seu programma.

Ficou bem definida a attitude que o partido deve assumir em favôr do clero no parlamento e fóra d'elle. Resolveu-se trabalhar pela divisão e independencia dos poderes, considerar como da mais alta importancia os problemas financeiros, coloniais e agricolas, proteger o operariado e o pequeno cultivador e reorganizar a classe media.

Para que nada faltasse o Santo Padre abençôou o congresso e todos os seus trabalhos.

Entre todas as conclusões que se tomaram, especializamos a da repetição regular dos congressos gerais e regionais do partido e as conferencias de propaganda. As outras conclusões têm sempre oportunidade, esta é de hôje e vital. Ou os congressos se repetem e as conferencias se promovem com ardôr ou o partido desaparece. Está aqui uma questão de vida ou de morte para o nacionalismo. A lei actual afasta do parlamento muitos deputados que o nacionalismo podia lá mandar como verdadeiros representantes do povo e do paiz, mas este mal tem remedio porque os congressos pódem tomar a attitude de verdadeiros parlamentos.

— E a proposito de **parlamento**, aquillo lá por Lisbôa, tanto na camara dos deputados como dos pares tem sido uma vergonhosa, mas franca lavagem de roupa suja. Nunca se viu acontecimento igual em S. Bento. Aquillo não é para ali em grande parte. Em casa, á porta fechada, vá que não vá, mas no palacio dos pais da patria!... Que chinfrim!

Todavia nem tudo é feio ou indigno. Algumas coisas se têm dito e feito que não são para desprezar e outras até de grande importância politica. A este numero pertencem as propostas de lei do sr. **ministro da marinha** que tão bem soube ocupar o seu alto cargo desde o principio, mercê dos seus conhecimentos tecnicos, do seu cuidadoso estudo da situação financeira e economica das colonias e do seu patriotismo. São de particular alcance as propostas de lei sobre o tão necessario ensino colonial e a organização do ensino profissional nas colonias, duas medidas já tomadas há tantos annos pelas mais prosperas potencias coloniais e que, a realizarem-se devidamente, produzirão bellos resultados para o desenvolvimento das nossas possessões. O mesmo se diga das linhas ferreas projectadas e outras de que tanto necessita a agricultura e o comercio das nossas riquissimas possessões.

Não deixaremos de accentuar tambem o prazêr que nos causou a proposta de lei do sr. D. João de Alarcão illustre **ministro das obras publicas** sobre a construcção de bairros operarios e casas baratas.

O estado deve olhar pelo viver fisico e moral dos seus subditos. O grande batalhão de operarios, que hoje peja aos milhares os grandes centros, reclama de um modo particular a attenção dos altos poderes, mais ainda que muitas outras porções da governação publica, as quais logram as sollicitudes de quasi todas as situações ministeriais. O operariado é o manipulador e productor da riqueza das nações. Não é muito que em troca o estado lhe dê os confortos de uma habitação higienica em que o ar puro e oxigenado e os doces raios do sol fecundante de vida diffundam as alegrias do lar, affastem o trabalhador da corrupção das casernas do vicio, e convidem ao placido remanso da incomparavel felicidade domestica. Oxalá que tão valiosas medidas não sejam apenas um *truc* politico do ministerio, para captar as simpatias da opinião, como aliás sóe acontecêr aos melhores projectos, ficando reduzidos á letra redonda das paginas amarelentas desse *mar sem praias e sem fundo* que se chama o *Diario do governo*.

Fóra disto o parlamento ainda tem ouvido grandes verdades neste desfazer da feira rotativa.

Ralham as comadres e descobrem-se ss verdades. E como aquellas nunca tanto ralharam, tambem nunca, numa e noutra camara, se expuseram principios e doutrina de tão largo alcance politico, economico e social. Prova disto, são entre outros, na camara dos deputados, os discursos dos srs. Moreira de Almeida e o do sr. João Franco. Na camara dos pares, á parte algumas sessões descompostas que ahi tem havido, o que tem sido motivado mais pela attitude contraditoria e inverosimil do presidente do conselho, pelos deputados da maioria, invadindo como possessos a camara alta, e pelos escandalos enormes que ahi tem vindo á suppuração, do que pelo fogo tribunicio dos discursos de alguns dignos pares, á parte isto, repetimos, a eloquencia têm-se ahi manifestado ás catadupas, a verdadeira doutrina têm-se feito ouvir como talvez nunca, e têm-se recitado discursos monumentais como os do sr. Alpoim, Hintze Ribeiro e Jacinto Candido o emínente chefe nacionalista, cuja palavra eloquente e patriotica foi ouvida com respeito e aplauso unanime de amigos e adversarios, sendo geralmente de acordo que foi elle quem melhor soube tratar da questão Reillac e dos tabacos, cujo fumo está encomodando devéras o paiz. Para que a nicotina nos não venha a intoxicar os pulmões, saiamos do parlamento e toquemos noutro assunto que se trata longe d'aqui.

— Em Braga vai, segundo todas as previsões, reunir se um verdadeiro congresso nacional do clero para tratar dos seus interesses, já que os governos votam ao desprezo tudo que lhe diz respeito, tendo para elle quasi sempre palavras de serêia e obras de sandeu. Era já tempo do clero acordar, e reunir-se em assembleias e congressos seus tratando pessoalmente de tudo que lhe respeita, como fazem todas as outras classes. A comissão do clero parochial de Guimarães, que mais se têm distinguido em promover o despertar do clero e o seu bem estar economico e social fez espalhar pela imprensa o seguinte :

Ao Clero Parochial do paiz

1.º adhere, ao alvitre da celebração d'uma assembleia geral de todo o clero parochial do paiz, representado por seus delegados, nomeados por concelhos ou arciprestados ;

2 º que esta reunião geral deve celebrar-se no mez de outubro proximo, na cidade de Braga, seja ou não seja dissolvida a actual camara dos snrs. deputados ;

3.º que entre outras deliberações, n'ella deve eleger-se uma commissão permanente, que defenda as justas reivindicações do clero parochial, e discuta com o fim de aperfeiçoal-a, qualquer proposta sobre dotação do clero que ao parlamento seja apresentada pelo snr. ministro dos negocios ecclesiasticos ;

4 º que seja publicado pela imprensa este parecer, para que seja discutido pelos interessados, e para que até 15 de setembro proximo o clero parochial de todo o paiz declare se a elle adhere, ou não adhere, o que poderá fazer por meio da imprensa ou por qualquer via, que julgar mais conveniente, e por um ou mais parochos de cada arciprestado ou concelho, auctorisados pela classe parochial da respectiva circumscripção.

Fazemos votos por esta reunião, e propomos que se tome, no futuro congresso, a resolução de celebrar regularmente congressos gerais do clero. E' pelo congresso que se realiza e se assegura a união de cada classe. Ao Congresso, pois.

— Communicam-nos os Snrs. Cruz & C.ª, J. A. Moreira de Castro, com Livraria n'esta cidade, e os Snrs. Augusto Costa & Mattos e Costa & Almeida, que não abrem os seus estabelecimentos aos domingos.

Bem hajam! Oxalá que o seu exemplo seja seguido por todos os estabelecimentos d'esta cidade.

Os catholicos não deviam comprar nada nos estabelecimentos, que abrissem ao domingo.

CARTAS D'AFRICA

PELO RIO PUNGUÉ

Passagem da ponte. — Difficuldades em avançar — A lancha convertida em academia. — Trabalhos e fadigas. — Reboques dados. — A primeira povoação. — A travessia do pantano. — Meu desanimo.

Na manhã do dia 20 cheguei a Fontesvilla, onde o rio é atravessado por uma grande ponte metallica do caminho de ferro, que da Beira vai á fronteira ingleza.

As aguas influenciadas pela maré iam altas e o mastro não deixava passar a lancha.

Resignei me a esperar que o rio desengrossasse, a vêr se então com as aguas descidas a barca passaria. Baldada demora. O nivel desceu, mas a barca não foi possivel passar. Quanto mais me affirmava no mastro parece que maior se tornava.

Pensava já em voltar á Beira, desanimado do meu emprehendimento, quando um dos meus pretos, agarrando-se ao esguio madeiro, lembrou que se tentasse arrancal-o. — Parecia-me tarefa difficil, mas lá os animei e todos com boa vontade e toda a força se atiraram ao mastro aluindo-o. Reanimaram-se as esperanças ; o mastro não era fixo como suppunhamos.

Foi ainda necessario trabalhar e trabucar muito, desbastando-lhe mesmo na grossura do diametro para depois de bastante esforço se poder arrancar e passar a ponte.

Começavam então as maiores difficuldades·

Quanto mais me distanciava da Beira, menor e menos prolongada era a influencia das marés. Vento não havia, o sol era abrasador. Pouco, muito pouco caminho adeantava a lancha. Com grandes difficuldades lá ia dobrando vagarosamente alguma sinuosidade do rio, cheio de tortuosidades interminaveis, que tanto haviam de provar a minha fraca paciencia, no anceio desesperador de andar depressa e cumprir a minha missão.

Era necessario luctar contra a corrente. Em dois dias pouco nos distanciamos de Fontesvilla. O silvo da machina e o rodar dos wagons por cima da ponte metallica accusavam os vagares da nossa navegação.

O patrão da lancha, preto monhé, (1) muito pacato e socegado, dizia-me que por aquelle andar não chegavamos á Macaia. E a Macaia ficava muito áquem do termo aonde eu queria chegar.

Mandei abordar á margem, e que todos os pretos agarrando-se aos ramos das arvores e arbustos fossem puxando por elles, fazendo assim andar a lancha. — Mas este trabalho era muito penoso. — Havia arvores que estendiam seus braços muito por sobre as aguas do rio, armando obstaculos ao mastro; outras que se encolhiam tanto que era impossivel apanhal-as. — O sol na sua ardencia derretia o breu das juncturas das taboas queimando as plantas descalças dos meus pobres pretos. Eu tambem trabalhava como elles, e as minhas mãos mudavam de côr queimadas pelos raios do sol, e o sangue arrebentava lhes ás vezes pelos póros, abertos em fontes d'agua.

As unhas dos meus dedos tambem mudavam de côr, como se tivessem tratado banho de sublimado. Ainda hoje não restauraram a alvura primitiva. — Depois do meu regresso estando a dar aula aos soldados da força policial, um d'elles attentando nos meus dedos perguntou me: «O' Snr. Padre, isto é de nascença?!» Tão decoloridas ellas estavam! — Houve dias em que o calôr era calcinante. A propria madeira do barco escaldava, e era necessario a cada passo baldeal-a. A sêde apertava-se-me na garganta. A agua do rio era a unica que havia; mas esta ia tão lodosa e barrenta, que causava repugnancias bebel-a; mas não havia remedio. A sêde era mais exigente.

Era necessario descançar ameudadas vezes, principalmente nas horas do maior calôr. Estes ocios eram aproveitados em estudos da lingua indigena. Então a casinha da lancha convertia-se em academia, onde eu era o discipulo, e professores os meus pretos. E bastante aproveitei n'aquellas lições.

As margens do rio nem sempre são ensombradas pela ramagem de arvoredo, antes muito ao contrario. De Fontesvilla para cima são apenas mosqueadas áquem e alem de tufos mais ou menos luxuriantes, que engrinaldam essas immensas campinas, monótonas e rasas de Neves Ferreira. (2) Por isso quando as margens desafrontadas de arvoredo, embora cobertas de capim (3) onde mergulha a altura de mais de um homem, se elevavam em talude, dois ou tres pretos saltavam em terra e segurando um cabo amarrado á lancha lá a iam puxando, emquanto outros de dentro com varas compridas e lambris (1) a iam tambem empurrando e aguentando para que não focinhasse nas margens do rio. — Não havia trilho nem carreiro pelas margens, e os pretos viam-se obrigados a derribar aquella altura de capim por sobre o qual arrastavam a corda com grandes difficuldades.

Alguns troncos d'arvores, áquem e alem, espreguiçando seus braços por sobre as aguas augmentavam os estorvos.

Outras vezes as grandes depressões do terreno marginal, por onde o rio se alastrava, cobrindo-se ora de gramineas e plantas aquaticas tecidas em lindos tapetes de verdura, ora sujando-se mais no lado pegajoso das suas bordas, redobravam os embaraços da situação.

A lancha pegou se uma vez ao lôdo do rio e deu nos muito trabalho em safal-a — as varas enterravam-se profundamente sem alcançar ponto de resistencia e os pretos temiam saltar á agua barrenta, não fossem trincados por algum crocodilo.

Era agarrados ás plantas aquaticas que muitas vezes faziamos andar a lancha. Não raro porem succedia quebrarem-se-nos nas mãos, e lá ia a lancha levada na força da corrente desandando caminho.

O trabalho e a fadiga faziam me por vezes esquecer a comida. Dias houve em que uma pequena refeição era o meu alimento completo. O meu cinto de couro accusou no fim da viagem alguns furos a menos no meu diametro cintural.

O meu desejo era já apenas chegar a uma povoação e alugar um côxe. (1)

Algumas d'estas embarcações passavam por nós e sumiam se nos meandros do rio, com grande inveja minha e dos meus pretos. Por minha vontade metamorphoseava a minha barca em coxe!

Uma tarde estando todos extenuados da fadiga, acertou de passar por nós um d'esses côxes, e chamando-a á fala, fiz d'elle rebocador da minha lancha. Um vento fresco que então se levantou ajudou-nos o andamento. A' noute lançamos ferro para descançar e cosinhar alguma cousa. Os pretos do côxe protestaram que não fugiam e que no dia seguinte nos dariam novo reboque. Dei-lhes sal e deixei-os. Os tratantes durante a noite poseram se ao longe, e não mais os vi.

Um outro côxe depois deu nos novo reboque algumas horas, até que nos approximamos do ponto, onde os meus pretos diziam estar a primeira povoação. Gastamos ainda o resto do dia e parte da manhã seguinte para lá chegar.

Mas a povoação já lá não estava, tinha mudado para outro sitio, muito distante. Um preto que por acaso alli me appareceu, indicou me ao longe um tufo de arvores para onde se transferira a aldeia, fugindo ás innundações do rio, e procurando melhor terreno para suas culturas. — Era

---

(1) Monhé ou mahometano. Todos os demais pretos eram christãos.

(2) E' este o nome dado á circumscripção banhada pelo baixo Pungué.

(3) Palha ou feno.

---

(1) Especie de canna muito resistente.

(2) Embarcação indigena feita d'um tronco d'arvore cavada.

longe, muito distante. Não hesitei em ir até lá no empenho principal de arranjar uma embarcação. Era impossivel seguir na lancha em que ia.

Para me livrar de trabalhos, metti-me em novos trabalhos.

O carreiro da povoação ao principio secco, começou depois a ser cortado, aqui e alli, por uns pequenos espaços cobertos d'agua e que eu passava ás costas do mais alentado dos meus pretos. O capim luxuriante e vigoroso que irrompia d'aquelle solo virgem interceptava a vista d'aquelles passes. — Pouco depois aquelles pequenos charcos desdobraram-se n'um immenso pantano em cuja travessia eram fracas para os meus oitenta kilos as forças herculeas do meu preto.

Voltar para traz não queria eu. Demais tinhamos falta de comida e era necessario comprar alguma cousa.

Metti-me pois á agua tambem, e segui. Levou-me uma boa hora a atravessar aquelle pantano. A agua chegou-me quasi á cintura. — Uma especie de palha tarroeira triangular e serilhada poz-me as pernas e mãos em sangue. Os pés, esses, levava-os calçados para os defender e guardar. O sol áquella hora era ardente. E emquanto metade do corpo mergulhava n'um banho tepido d'aguas estagnadas, a outra ardia em calor n'um banho de fogo dos raios solares. Não sei como não apanhei uma febre ou alguma insolação. — E' provavel que mais tarde um rheumatismo agudo me venha atormentar os membros. — Seja feita a vontade do Senhor.

Na povoação havia pobreza. Apenas pude obter seis franganitas compradas e uma pouca de batata doce para os meus pretos. O côxe, o principal empenho meu, não foi possivel arranjal-o. Uns não tinham, outros tinham-no rôto, e outros haviam-no mandado para fóra — O preto é muito desconfiado do branco e não é facil saber quando falla verdade. — Eu fiquei desanimadissimo.

Os meus pretos cosinhavam uma pouca de batata doce ; eu mandei preparar um frango, emquanto parte da roupa estendida ao sol se preparava para o banho do regresso. Não havia melhor caminho ; era forçoso atravessar a agua.

— Mucára, assim se chamava a povoação, não me deixava saudades nenhumas. — As difficuldades na volta em nada destoaram das primeiras. — O sol era ainda flammejante ; um sol africano das tres horas da tarde no mez de maior calôr. Apressava-me a lembrança de que o preto, que ficára no rio guardando a lancha, ainda não havia comido nada, e eu promettera mandar-lhe comida.

Eram quatro horas passadas quando reentrei na lancha. Andára a passo accelerado. — Meu primeiro cuidado foi mudar de roupa ; estava encharcado. — Até á cintura mergulhára nas aguas do pantano ; da cintura para cima ia ensopado no suor do corpo.

Não sabia que havia de fazer. Não arranjára côxe ; a barca não vencia a corrente do rio ; os meus pretos mostravam-me as mãos empoladas de tanta força empregada em fazer andar a barca, as minhas estavam na mesma, e não via meio de cortar as difficuldades.

Resolvera passar alli o resto do dia descançando as fadigas passadas e confiando mais na Providencia divina do que nos recursos do deserto, aguardava a sua benefica intervenção.

P. Raphael Maria d'Assumpção.

UM PASSEIO Á TINGA-TINGA

(Atravez os mattos da Africa)

Ao começar estas quatro linhas sobre as minhas travessias dos mattos da missão, eu pergunto a mim mesmo : Ora que importam aos leitores as scenas da vida missionaria?

Não sei responder a mim mesmo. Aqui um homem, a quem chamaes apostolo, missionario, sacerdote, o homem martyr que se sacrifica em pró de desconhecidos indigenas, é coisa extraordinaria. Mas o atravessar de mattos em fóra envergando uma batina de sarja branca, defendendo-lhe a cabeça monstruoso capacête branco tambem, e ornando-lhe o labio superior um bigóde pequenito ou grande, as barbas a voar á mercê do vento sobre as maxilas, é para nós de nenhum valor, nós os missionarios com estes costumes da zona torrida.

Ora o que só conhece o casaco elegante, a bota de polimento, a luva de pelica, fica espantado perante esses homens-sacerdotes de pelle tisnada pelo dardejar do sól, de bótas á parteleira, e cabellos e barbas hirsutas : Eis, gritarão, os habitantes da epocha secundaria, ainda cá temos alguns descrentes !....

E está resolvida a origem do homem primordial, e toda a questão anthropologica acaba perante o missionario : Eis o homem da edade de pedra, de bronze, de ferro ; cá o temos, é elle. Escapou sobre as montanhas desconhecidas do interior da Africa !..

E é verdade ; o missionario é o homem da edade de pedra, de bronze, de ferro ! O progresso-amalgama d'este seculo de lamparinas não chegou até elle. Tem um peito duro como as róchas do Calvario, onde burilou o seu coração no bronze agúdo que trespassou o peito do primeiro apostolo do mundo o Homem-Deus. Não, o missionario pertence á epocha primaria da fé, não admitte senão os progressos das rochas cruas do Calvario, a Cruz pezada, as agruras d'uma vida de sacrificios, o calix da agonia. Não passa além do Calvario ; ráro póde descer ás margens buliçosas do Cedron para refrescar n'elle os labios exhaustos pela febre.....

Para onde caminhas, ó homem ! o teu méta, o teu destino ? — Para os desertos d'areia, para as relvas sombrias, para.....: basta. O meu artigo vae sem logica ; desci do campo da methaphysica para o sentimentalismo. Encabecemos de novo ; para nós acostumados a todas as peripecias de missionarios nada estranhamos do que acontece dia a dia ; porém ahi tudo isto é apreciado e eis o motivo que me obriga a estas linhas.

Vamos ao meu segundo passeio atravez do matto.

Nenhum dos meus leitores conhece esta região de certo ; descrever-lh'a portanto seria para mim d'um labôr que não levaria a cabo. Ponhamos de parte as posições topographicas, a botanica, etc.

Matto em fóra, leitor, matto em fóra. Primeiro a encosta escalvada da missão de terrenos alagadiços em que as botas acham pouca firmeza e me obrigam a estender-me no chão uma duzia de vezes. Aqui não se respiran. flôres odorantes, mas sim os vapores terreos elevados na atmosphera pelo sól do meio dia.

O sól queima, as cóstas ardem, e o suór gotteja com força... Ao alto, rapazes, ao alto gritei meio suffocado ás creanças da missão, aqui morremos abafados.

Deus louvado, cá estamos! A aragem sente-se já, e podemos caminhar sobre um planalto de climas, semeados de milheiraes, mapira, mandióca feijão. Lindos campos como os do Minho são elles, o peor é o calor que se aspira e o cheiro nauseabundo dos *pubre volans*. Pensando no meu estomago estuguei o passo e em breve tinhamos vencido os climas.

Pulanga, o lugar de Pulanga, *mati*, *mati* (aguas) e todos os pretos se enfiavam por uma palhota d'entro em procura de agua.

Envestiguei se havia christãos e soube que haviam quatro crianças baptisadas, assentei no meu canhenho e caminhei para a frente. Não podia conter os rapazes em todas as arvores do matto encontravam fructos para comer.

Fomos obrigados a atravessar um terreno alagadiço e curtado de barrancos no melhor da festa escorregam me os pés e zás lá cahi eu para o fundo! fiquei enterrado em capim, e sem saber como havia de sahir d'alli. Olho para meus pés e vejo uns poucos de escorpiões com a cauda no ar — Com a bréca, disse para mim, tanto escorpião! e um já tentava passear sobre as minhas botas. Valeu-lhe a morte Acima rapazes, e mostrei o meu pau por cima do capim.

Depois de muitos trabalhos escapei-me das fôrcas caudinas, examinando bem se á minha batina viria agarrado algum bicharôco; felizmente não.

Parece que isto vae mal; rapazes vamos rezar tres Ave Marias a Nossa Senhora. Depois de as rezar pozemo-nos de novo a caminho.

Começaram então os pretos a dizer-me todos os nomes das arvores da floresta, era uma algaravia medonha; escusado é dizer, que nem um nome me ficou na cabeça.

— Padre, acolá o feiticeiro! A' porta apresentava-se o tal galante bruxo:

Do pescoço pendiam-lhe enfiadas umas poucas penas do pôrco-espinho, e dois chifres de boi; de roda da cabeça tinha uma corôa de dentes não sei de que animal; um monte de pelles cercava-lhe a cintura. — Um diabo em meniatura. Estive para lhe metter mêdo, mas deixei fica-lo em paz — Aqui ha alguns christãos.

Dois passos adiante e estavamos em Tinga-Tinga; ao nosso encontro veio o Avido Nhamunua a cantar o seu — Milanda iaié — e a executar uma dança macábra.

Descemos ao mar, n'esta occasião escorregou a criança mais pequena da missão, pela ribeira ficando algum tempo sem sentidos.

Passada meia hora de descanço recolhemos a penates: A sêde apertava e vi-me obrigado a beber por um *côco* onde já se tinham collocado os beiços de quatro gerações de pretos!

Depois que nos entrahamos na floresta entoei o cantico de Lourdes em *Guitonga*.

Silo sol damboni. Etc.

Os pretos respondiam com toda a força de pulmões; e de certo chegariam até aos ceus esses canticos imperfeitos, até junto ao throno de Maria.

Terminou o passeio no meio de canticos e de vivas ao *fradérre Kongolo* — era eu o rei da festa:

O pequeno sino da missão tocou; era ao mez de S. José; deixei tudo e fui mudar a batina branca por uma preta, já velhinha, e, momentos depois estavamos todos diante do sacrario de Jesus a lembrar nos dos nossos amigos.

P.e Alberto Teixeira.

Missionario da Africa.

gedor é um homem publico ora não é? Está claro?...

— Bch! Isso é conforme. Se o senhor entende por homem publico um homem que todos conhecem e veem, com bons ou maus olhos, lá pela freguezia não ha homem publico similhante ao amigo; porque, quando não seja em outra ocasião, todos o veem, ao chegar o dia do arraial, a festa do orago da igreja e, agora, tambem aos domingos quando Bacho ou (para me fazer intender) o...

— Intendo muito bem, ora essa! Nem que eu não conhecesse um rapaz que estudou ali além, no liceu...

— Ora, pois, não se agaste. Mas como eu ia dizendo, nos dias de maior pagode na sua terra, quando Bacho excita o fosforo, os odios velhos e os ciumes arrefecidos dos seus patricios e subditos portanto...

— Está claro.

— Quando o amigo assiste com seus *cabos de esquadra* a esses enormes chinfrins e estardalhaços populares em que as navalhas, os cacetes, as mocas e os punhos cerrados não têm mãos a medir...

— Não têm não senhor!...

— Pois nesses apertos em que o amigo metendo-se em virtude do seu *alto* officio e dignidade, no meio do borborinho e do ululár do povo enraivecido, leva tambem, sem o querer, para o seu tabaco ficando com as costas e a cartola amolgadas...

— Eu?... Então o senhor julga me, para ahi, algum palhaço de feira ou que.

— Homem não se offenda... Longe de mim... Mas o senhor não disse que desempenha as funções de regedor?

— Disse e sou; para honra e gloria do Alpoim (aqui para nós) e da minha terra que ha de comer estes dois que aqui vê... Mas uma coisa é ser regedor e outra...

— Bem vejo. Não gosta que lhe diga que os ossos do officio do regedor são apanhar pancadaria, ficar com o quico e as costas moles, e com algum olho de fóra... Neste caso, ainda que o dito dito está, visto não querer já saber se um regedor é um homem publico, pelo facto de lhe não agradarem os effeitos inherentes a toda a regedoria aldean, mudemos de assumpto e falemos em outra coisa, se é que o senhor me desejava consultar, como disse a principio. E desculpe se lhe falo serio demais.

— Olha a novidade! Queria e quero. E agora me recordo exactamente do que eu desejava perguntar. Era se o regedor é um funccionario publico.

— E o amigo a puxar-me pela lingua... Depois zangue-se e queixe-se de mim.

— O' senhor, então como quer que me exprima? Eu o que digo é que desejo saber se o regedor é considerado para todos os effeitos um funccionario publico, porque vi na gazeta que vão ser convidados todos os funccionarios a dar para o monumento ao Marquez de Pombal um dia de ordenado.

— Não ha duvida que o amigo é um funccionario, com um officio do estado, destinado ao bem publico, e exercitado publicamente e para interesse do publico, portanto publico...

— Isso é que é o diacho! Pois então eu com uma dignidade que só me dá trabalho e nem uma de cinco, com mulher e filhos, sem rendimentos, fazendo tantas despezas de representação, para vir falar com os superiores, aqui á séde do districto, e andar com tudo em dia, e ainda por cima hei de ver-me obrigado a retirar das minhas economias uma quota para um pedaço de bruto como dizem que foi o Marquez de Pombal?!...

— Socegue, homem! Um convite, como diz que vão fazer aos funccionarios não é um preceito. Só exige a formalidade da recepção.

— Bem sei. Mas isto cá na politica fia muito delgado.

— Deus o ouvisse!

— Pois é o que lhe digo. Supponha que o Zé Luciano chegava a saber (e chegava ó se chegava!) que eu não pagava e os mais regedores em redor pagavam — ahi estava elle já a demitir-me como desobediente e amigo do Alpoim.

— Está illudido, meu amigo. Pensa talvez que os governos de Lisboa ligam alguma importancia aos regedores aldeões e ás suas reviravoltas, ou que o Zé Luciano se importa que o amigo dê alguma coisa para o Pombal?

— Certamente que importa. Ou não foi elle que mandou o Pereira de Miranda nomear solemnemente a Commissão official do monumento com discursos e tal e coisas?...

— Ou elle ou a maçonaria.

— Que diz o senhor? Ou elle ou a maçonaria!

— Sim, repito: ou elle ou a maçonaria. Para o caso tudo vale o mesmo.

— Cada vez intendo menos. Então foi o governo que nomeou a Commissão do monumento ou quem foi?

— Quem lhe disse o contrario, homem? Já se sabe que foi o governo. Foi o governo que, pela boquinha ingenua do Pereira de Miranda, reunidos em um grande salão homens de todos os partidos...

— E tambem nacionalistas?

— Qual historia! Isso é gente mais fina e séria..

— Reunidos pois homens de todos os partidos, o Miranda fez discurso estopada enaltecendo as qualidades que o Marquez não teve, coitado, e que tanta falta lhe fizeram, nomeou todos que tiveram a paciencia de o ouvir com serenidade, membros da Commissão permanente do monumento, e todos se rasparam em seguida, descendo as escadas a quatro, depois de assistirem a uma desanda magistral, com que o Fuschini zurziu a ideia de levantar um monumento ao Pombal n'aquella Lisboa que elle semeou de cadaveres, e protestou contra a inserção do seu nome de democrata no numero dos encarregados de um monumento *de gratidão* a um despota.

— O Fuschini? Então o Fuschini safou-se da Commissão?

— O proprio Fuschini, sim. Como é mais franco declarou positivamente que não apoiava a ideia maçonica, antiliberal e antihistorica. Os outros, senão fizeram o mesmo espressamente, fizeram-no tacitamente porque são macacos de

rabo pelado, e gostam de ter uma vela acesa a S. Miguel, quando estão de cocaras em homenagem á peanha, e alguns até foram passear o pesadelo pelo estrangeiro.

— Muito me conta!

— Não conto nada. O principal ainda o amigo não ouviu. Os da commissão não se reuniram mais nem deram sinal de vida *pombalina*. E, o que é mais, nem se quotizaram para a grande obra ao «feroz marquez» de Camillo. Que isto de puxar pelos cordões á bolsa é caso de maior monta...

— Então os da commissão não deram nada?!

— E' boa! Ainda o amigo ahi está?! Então julga que elles são alguns ignorantes ou papalvos, como quaisquer provincianos que se deixaram levar do canto das sereias jornalisticas, como os republicanos do Beato, de Lisboa; como alguns artistas ignaros; como certas mulheres simplorias; como muitos catholicos que não sabem se foram baptisados; como alguns marinheiros rapazolas que de letra redonda só conhecem o *Mundo* e a *Vanguarda*, e como outros tantos caixeirotes e empregados do commercio, que estudam a historia pelas caricaturas do *Supplemento* ao *Seculo* e pelo romance fantasioso? Nem estes nem homem algum de importancia e de siso, com dois dedos de testa e duas besuntadelas de historia patria tem dado uma de cinco. Os politicos todos juntos ainda não deram um só niquel, e dizem que precisam mais de gamela do que de estatuas a tiranos nas praças da capital livre.

— Ora esta! Eu a julgar que estava tudo a regorgitar de ouro, para o menino da estatua, e sai-me a commissão e tudo a tenir por cobre e nicles... Não está má... Venham, venham convites a funccionarios que ao regedor de... não comem nem um real. Podem gemer... Mas olhe, dá licença que lhe faça mais uma pergunta?

— Homem, não se faça rogado.

— Falou-me para ahi em catholicos!...

— Ah! Admirou se talvez, de que haja catholicos que subscrevam com as economias, com que deviam auxiliar obras de caridade, a boa imprensa etc., para o monumento, ao mais figadal algoz do catholicismo em Portugal... Pois é verdade. Eu tenho a certeza de que a maioria dos subscriptores são catholicos que prometeram, no baptismo, renunciar ao diabo, ao mundo e aos seus atractivos, e seguir a Jesus Christo seu Mestre. E olhe que não estranho. Acho até muito natural. Porventura conhecem elles a doutrina christan e os seus deveres religiosos e sociaes? não preferem elles á imprensa catholica a dos adversarios das suas crenças? não se envergonham elles de praticar em publico a sua religião e até ás vezes na presença da familia? Não desobedecem elles diariamente ás prescripções pontificias, dos prelados e dos seus pastores? Não afagam elles no seio todos os vicios e prazeres? Numa palavra: quantos catholicos teem hoje obras e vida de catholicos? A maioria são catholicos dos tais de baptismo, de cerebro e de coração, mas quanto a mandamentos, a credo e acção: — tó rôla — que elles não estão para maçadas; não sabem disso nem querem saber pois que, pelos geitos, Christo não morreu por elles, nem elles têm que dar contas da sua vida no ultimo dos seus dias ao Patrão universal.

Alem destes, outros ha que subscrevem porque a maçonaria, hipocritamente, lhes manda as listas e boletins e, elles como não leem senão os jornaes da seita ou a ella affectos, que atacam tudo que ha de veneravel e digno na sua patria, lá vão pingando. Outros ainda, porque idiotas e chapadinhos, nada sabendo e não consultando quem os pode aconselhar, se deixam vender a qualquer contrabandista da religião e da historia, que lhes faz negaças risonhas e dirige duas amabilidades.

— Mas então os boletins partem da maçonaria?

— Partem e voltam para a maçonaria. E' a maçonaria, que os faz, que os espalha por meio de quem lhe parece mais papalvo ou quem tem a cara e mascara para lhe fingir o papel. E' a maçonaria que se lembra de, invocando a memoria da comissão, propor a todos os funccionarios que larguem, para ali..., um dia de ordenado, e que todos os empregados do comercio e respectivas associações se reunam em assembleias magnas, e ahi façam o proposito, firme e irrevogavel, de abrirem subscripções colctivas e espalharem, por toda a freguezia dos idiotas, listas a vintem por cabeça.

E se não, inquira o amigo, pelos meios mais seguros, aonde vão parar as listas ou boletins da subscripçãa para o Marquez, a quem é entregue o producto das festas e receitas dos theatros em seu beneficio, e verá se é ou não ao Gremio Lusitano, ao Grande Oriente ou a algum membro da comissão, intimo parente da sanguinaria matrona.

Esta a explicação do paradoxo de fazerem parte da comissão conhecidos republicanos, e serem até elles os principais promotores do monumento e da subscripção, começada já em 1882 e que em perto de um quarto de seculo só deu uns seis contos!...

Elles, os republicanos, os democratas, os amigos do povo, os adversarios do absolutismo monarchico, os declamadores da inquisição, os pregoeiros natos da liberdade, a defenderem, a protegerem, a pedirem de porta em porta, a sugarem os magros cobres do pobrezinho, do artista illuso, do operario simples, do povinho ignorante, para erguer um monumento ao autocrata mais absoluto e odioso da nossa historia, ao mais cruel tirano das liberdades e reivindicações democraticas, ao mais ferrenho e duro inquisidor do reino, ao assassino da nobreza mais veneranda do paiz, ao mais entranhado inimigo da religião do Estado, do estrangulador dos filhos do povo nos cadafalsos do Porto e de Lisboa, ao esmagador dos sentimentos da mais pura e sã liberdade e da lei, á personificação mais completa dessa dissoluta megera cuja missão é degolar reis e sacerdotes, a religião e a autoridade, liberdade e razão, consciencia e moral — *a tenebricosa maçonaria.*

O CHRONISTA DA «VOZ».